



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

HENRIQUE BAYER GONÇALVES

**O USO DE UM TABULEIRO NO ENSINO E APRENDIZADO
DE JOGADAS ENSAIADAS A CRIANÇAS PRATICANTES DE
FUTSAL**

Londrina
2013

HENRIQUE BAYER GONÇALVES

**O USO DE UM TABULEIRO NO ENSINO E APRENDIZADO
DE JOGADAS ENSAIADAS A CRIANÇAS PRATICANTES DE
FUTSAL**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Regina de Souza Arrabal Gil

Co-orientadora: Profa. Dra. Verônica Bender Haydu

Londrina
2013

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

G635u	<p>Gonçalves, Henrique Bayer. O uso de um tabuleiro no ensino e aprendizado de jogadas ensaiadas a crianças praticantes de futsal / Henrique Bayer Gonçalves. – Londrina, 2013. 56f. : il.</p> <p>Orientador: Silvia Regina de Souza Arrabal Gil. Coorientador: Verônica Bender Haydu. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) –Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2013. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Comportamento humano – Teses. 2. Esportes – Aspectos psicológicos – Teses. 3. Psicologia da aprendizagem – Teses. 4. Futebol de Salão – Teses 5. Crianças- Teses. I Gil, Silvia Regina de Souza Arrabal. II. Haydu, Verônica Bender. III Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 159.9.019.43</p>
-------	---

HENRIQUE BAYER GONÇALVES

**O USO DE UM TABULEIRO NO ENSINO E APRENDIZADO DE
JOGADAS ENSAIADAS A CRIANÇAS PRATICANTES DE FUTSAL**

Dissertação apresentada para cumprimento dos
requisitos para a obtenção do título de Mestre em
Análise do Comportamento.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Sílvia Regina de Souza
Arrabal Gil
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Célio Roberto Estanislau
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Wilton Santana
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 11 de Março de 2013.

Dedico este trabalho aos meus pais e ao meu grande amor. Nada disso seria possível sem o apoio de vocês.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que conheci nesses oito anos dedicados a vida acadêmica. Fico grato não somente pela companhia de vocês, mas também pelo tempo e aprendizado que obtive durante esse período mágico em minha vida.

Aos meus pais e familiares um agradecimento especial. Sem o apoio de todos vocês dificilmente eu teria me dedicado quase uma década à universidade. Ainda me lembro do meu primeiro dia nesta linda cidade de Londrina, foi muito satisfatório e prazeroso. Jamais imaginaria que seria em Londrina que me tornaria uma pessoa realizada e feliz. Cresci muito, foram muitas experiências boas e produtivas. “Londrina querida, juro que te amo!” era uma das minhas frases mais ditas nos primeiros 5 anos morando e descobrindo esse lugar tão magnífico.

Londrina também me deu meu maior presente até agora, foi aqui que conheci o grande amor de minha vida, minha esposa, Simone Souza. A você meu amor, lhe sou muito grato. Não somente pelo nosso bebê que esta para nascer, mas sim por me ensinar coisas incríveis sobre a vida e as pessoas, a ser mais sensível, a ser mais tolerante, a ser mais gentil e a ser mais humano com todos que me amam. “Simone Souza, juro que te amo!”

Agradeço também aos meus grandes e eternos amigos, formados pelo grupo Alfa, ao qual eu tive a honra de presidir e dirigir por 4 anos. Foi um grupo muito produtivo, discussões e debates inesquecíveis, desde a famosa “vala comum”, passando pelo caos da “vila da fumaça” até os debates políticos e científicos que eram discutidos na casa do Thor. Foram incontáveis experiências de sucesso e crescimento ao lado de todos vocês.

Nada disso também seria possível sem vocês, meus amados professores. Desde meu primeiro orientador Dr. Dalberto Luiz de Santo, passando pela Minha orientadora de Pós graduação Dra. Solange Mezzaroba até Minha atual orientadora Dra. Silvia de Souza.

Nesse período, tive a sorte de conhecer uma ciência chamada Análise do Comportamento. Daí pra frente muito do que eu era se transformou para melhor. A vida e os fenômenos que a cercam passaram a ser mais bem interpretados e minha qualidade de vida melhorou muito. É por isso que desejo um agradecimento especial a todos os Analistas do Comportamento que tive a honra de conhecer, em especial, a uma professora que apostou em um rapaz que não sabia absolutamente nada de Análise do Comportamento e fez de mim uma pessoa eternamente grata por me conceder a possibilidade do aprendizado. Um super abraço para você minha querida professora Dra. Veronica Bender Haydu. E foi por meio de você que também tive a honra de conhecer a orientadora mais paciente, objetiva e sábia que tive até

hoje, Silvia Regina de Souza, que nunca me negou uma vírgula de ajuda em minhas orientações. Nesse tempo aprendi muito sendo orientado por vocês duas. Serei eternamente grato por isso. De coração, muito obrigado mesmo.

Por fim, gostaria de agradecer também aos professores que tive, mas que ficaram nos bastidores. Aqueles que infelizmente não tive muito contato, mas que influenciaram muito na construção de minha nova vida nessa cidade. Em especial ao Professor Dr. Francisco Anaruma, hoje docente da Unicamp ao qual tive a honra de pegar por 2 anos caronas para Marília quase todos os fins de semana. Aprendia muito em todas as viagens. E também aos médicos que frequento periodicamente, que com muita sabedoria e paciência transmitem as informações necessárias aos meus pais sobre minha saúde. É a todos vocês que dedico essa nova conquista de minha vida. Sei que virão outros obstáculos maiores e mais difíceis, mas estarei preparado a enfrentá-los graças ao aprendizado oferecido por todos vocês. Muito obrigado.

"Podemos escolher recuar em direção a segurança
ou avançar em direção ao crescimento.
A opção pelo crescimento deve ser feita repetidas vezes
e o medo superado a todo momento"

A. Maslow

Bayer, Henrique. *O uso de um tabuleiro no ensino e aprendizado de jogadas ensaiadas a crianças praticantes de futsal*. 2013. 56f. Dissertação (mestrado em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RESUMO

O objetivo do presente estudo foi o de investigar o efeito do uso de um tabuleiro sobre o ensino e aprendizagem de jogadas ensaiadas a crianças praticantes de futsal. Participaram três treinadores de futsal e três grupos de cinco crianças entre 8 e 9 anos de idade que praticam o esporte em uma escola ou clube da cidade de Londrina. Na Etapa 1, os treinadores e as crianças foram distribuídos em três grupos e pediu-se a um especialista na área que elaborasse seis jogadas ensaiadas com graus de dificuldade diferentes, sendo duas consideradas fáceis, duas com grau médio de dificuldade e duas difíceis. A Etapa 2 foi dividida em duas fases. Na Fase 1, o pesquisador ensinou os treinadores como empregar o tabuleiro durante as aulas. Na Fase 2, os treinadores ensinaram as crianças como usar o tabuleiro nas jogadas. O tabuleiro foi usado para ensinar uma jogada fácil, uma jogada com dificuldade média e uma jogada difícil a cada grupo. As outras jogadas foram ensinadas sem o auxílio do tabuleiro. Finalmente, na Etapa 3, após o ensino das jogadas com ou sem o tabuleiro, o treinador pedia para as crianças, na quadra, executarem as jogadas que foram ensinadas. O desempenho do treinador durante o ensino da jogada foi registrado e analisado considerando-se o ensino da jogada por meio do uso do tabuleiro, seus comportamentos durante o ensino na quadra e os comentários emitidos durante o ensino. Os comportamentos das crianças durante o processo de ensino da jogada e execução da mesma também foram registrados e analisados. Os resultados apontaram que, de modo geral, os treinadores, durante ensino da jogada por meio do tabuleiro, emitiram menos instruções parciais e críticas e mais elogios, apesar de as crianças terem apresentado maior quantidade de comportamentos incompatíveis com a condição de ensino. Quanto ao desempenho das crianças constatou-se que não houve diferença no número de tentativas para atingir o critério de aprendizagem em ambas as condições (com e sem o auxílio do tabuleiro).

Palavras-chave: Psicologia do esporte. Análise do comportamento. Crianças. Futsal. Jogada ensaiada.

BAYER, Henrique. *The use of a board in the teaching and learning of the children rehearsed plays indoor soccer*. 2013. 56p. Dissertation (Behavioral Analysis Masters Degree) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

ABSTRACT

The aim of this study was to investigate the effect of using a board on the teaching and learning of the children rehearsed plays indoor soccer. Participated three coaches and futsal three groups of five children between 8 and 9 years of age who practice sport in a school or club from the city of Londrina. In Step 1, the coaches and the kids were divided into three groups and asked to an expert in the field to prepare six set pieces with different degrees of difficulty, with two considered easy, two medium degree of difficulty and two difficult. Step 2 was divided into two phases. In Phase 1, the researcher taught the coaches how to use the board during class. In Phase 2, the trainers taught the children how to use the board rolls. The board was used to teach an easy play, a play with medium difficulty and a difficult play to each group. The other moves were taught without the help of the board. Finally, in Step 3, after learning the moves with or without board, the coach asked for the children, the court, run the plays that were taught. The performance coach for teaching the play was recorded and analyzed considering the teaching of the play through the use of the board, their behavior during the teaching block and the comments made during the teaching. The behavior of children during the process of teaching and running the same play were also recorded and analyzed. The results showed that, overall, the coaches, teaching during the play through the game board, instructions issued partial and less criticism and more praise, although the children had much of behaviors incompatible with the condition of education. The performance of the children was found that there was no difference in the number of attempts to acquire the learning criterion in both conditions (with and without the help of the board).

Keywords: Sport psychology. Behavior analysis. Children. Indoor soccer. Tactics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>Figura 1</i> – Tabuleiro adaptado e um botão personalizado usado durante a pesquisa	24
<i>Figura 2</i> – Taxas dos comentários dos três treinadores e taxa média de comentários durante a execução das jogadas fáceis, médias e difíceis para as crianças, na quadra e no tabuleiro.	32
<i>Figura 3</i> – Taxas dos comentários dos três treinadores e taxa média durante a execução das jogadas fáceis, médias e difíceis, para as crianças, na quadra e no tabuleiro	34
<i>Figura 4</i> – Taxas de respostas referentes às categorias “perguntas sobre posicionamento” e “respostas corretas às perguntas do treinador” durante o procedimento de ensino das jogadas ensaiadas na quadra e no tabuleiro	36
<i>Figura 5</i> – Taxa de comportamentos incompatíveis com a condição de ensino para os três grupos (G1, G2 e G3) e taxa média de respostas para todos os grupos.....	37
<i>Figura 6</i> – Número de tentativas para cada grupo de crianças atingir o critério de proficiência e média geral para atingir o critério de proficiência em cada uma das condições de ensino.....	38
<i>Figura 7</i> – Porcentagem de acertos das jogadas feitas pelas crianças dos três grupos e média geral da porcentagem de acertos	39

LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1</i> – Sequência de cada jogada ensaiada para cada um dos grupos.....	25
<i>Tabela 2</i> – Guia de observação dos comportamentos do treinador durante o ensino das jogadas ensaiadas às crianças na quadra e no tabuleiro.....	27
<i>Tabela 3</i> – Guia de observação dos comportamentos verbais do treinador durante a execução das jogadas pelas crianças no tabuleiro e na quadra (adaptado de Sudo et al., 2008).....	29
<i>Tabela 4</i> – Guia de observação dos comportamentos apresentados pelas crianças durante o ensino da jogada	30
<i>Tabela 5</i> – Guia de observação dos comportamentos das crianças em relação ao desempenho durante as jogadas.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDC	Correções com descrição das consequências
CPA	Correções Parciais
ELOP	Elogios Parciais
ELOC	Elogios com descrição das consequências
CRI	Criticas
ENC	Encorajamentos
IDC	Instruções com descrição das consequências
ITP	Instruções Técnicas Parciais
JFQ	Jogada Fácil na Quadra
JFT	Jogada Fácil no Tabuleiro
JMQ	Jogada Média na Quadra
JMT	Jogada Média no Tabuleiro
JDQ	Jogada Difícil na Quadra
JDT	Jogada Difícil no Tabuleiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
ARTIGO: O USO DE UM TABULEIRO NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE JOGADAS ENSAIADAS A CRIANÇAS PRATICANTES DE FUTSAL	18
RESUMO	19
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
MÉTODO	23
PARTICIPANTES	23
LOCAL	23
MATERIAIS	23
TABULEIRO.....	23
PROCEDIMENTO	24
ETAPA 1 –SELEÇÃO, CATEGORIZAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS TREINADORES E DAS JOGADAS ENSAIADAS.....	24
ETAPA 2 –ENSINO E APLICAÇÃO DO TABULEIRO ADAPTADO AO FUTSAL	25
FASE 1 – ENSINO DOS TREINADORES QUANTO AO USO DO TABULEIRO.....	26
FASE 2 – ENSINO DAS CRIANÇAS QUANTO AO USO DO TABULEIRO.....	28
ETAPA 3 –IR PARA A QUADRA E EXECUTAR A JOGADA.....	30
RESULTADOS	31
DISCUSSÃO	39
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	47
Anexo A.....	48
Anexo B.....	49
Anexo C.....	50
Anexo D.....	51

INTRODUÇÃO

As produções acadêmicas na área do esporte trazem inúmeras definições do que venha a ser o fenômeno esporte como um todo. Barbanti (2005) organizou essas definições em três categorias: as que incluem a noção de ser o esporte uma atividade física, o que implica o uso de comportamentos motores ou esforços físicos; as que classificam o esporte em atividade de lazer e as que classificam o esporte como rendimento. O esporte rendimento corresponde a um conjunto particular de circunstâncias que envolve regras padronizadas, aspectos técnicos, táticos e organizacionais da atividade, bem como a participação de entidades oficiais, responsáveis por competições e regulamentos (Bourdieu, 1983; Graça, 1997; Lovisolo, 1997). Com base nessas categorias, Barbanti (2005) propõe uma definição de esporte que foi reformulada por Dobranszky (2007) segundo a qual o esporte é entendido como uma atividade competitiva, institucionalizada, que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas realizadas por indivíduos cuja participação é determinada por uma combinação de fatores dentro e fora do ambiente esportivo. O esporte é, então, dividido em três áreas, a saber: o esporte voltado a dimensão educacional, o esporte lazer e esporte rendimento.

O esporte voltado a dimensão educacional é a prática do esporte dentro do ambiente escolar. Nesse sentido cabe ao professor de educação Física proporcionar aos alunos situações específicas direcionadas a aprendizagens que envolvam a prática de esportes e aos temas relacionados a ele, tais como: quebra de recordes, vencer, mídia, saúde, beleza entre outros (Betti, 1998). O esporte educacional também tem como um de seus objetivos trabalhar coordenação motora, equilíbrio, agilidades e trabalho em grupo.

O esporte lazer é definido por Dobranszky (2007) como sendo uma atividade na qual a pessoa se engaja voluntariamente com o objetivo de promover qualidade de vida para os praticantes. O esporte lazer está relacionado com brincadeira, mas, ao contrário dela, sua prática é geralmente uma resposta às preocupações da vida, quase sempre objetivando a separação momentânea das pressões e responsabilidades associadas com as posições ocupadas no cotidiano.

O esporte rendimento visa ao máximo de envolvimento do atleta na modalidade praticada. Filin (1996) e Kraemer e Hakinnen (2004) apontam algumas características que diferenciam o esporte rendimento do esporte lazer, tais como, a presença de instituições oficiais de controle sobre regras e torneios, a pretensão de quebra de recordes, as exigências de melhorias de desempenhos, as buscas de patrocínio, o envolvimento do *marketing*

esportivo, o aumento das capacidades técnicas-táticas por parte de atletas e treinadores, entre outras. O esporte rendimento requer também um conjunto estrutural personalizado composto por uma equipe técnica responsável pela modelagem de determinados comportamentos específicos dos atletas. Essa modelagem começa logo nos primeiros dias de contato com o esporte. No caso do futebol, por exemplo, Santos (2009) chama a atenção para algumas instituições que desenvolvem projetos conhecidos como escolinhas de base. Nas escolinhas de base, jovens atletas de 4 a 17 anos de idade são sistematicamente treinados para se tornarem profissionais do futebol.

Embora muitas das escolinhas de base pertençam a times que atuam no futebol de campo, a iniciação dos jovens atletas nessa modalidade começa, na maioria das vezes, no futsal. Segundo Santana, França e Reis (2007), os motivos que levam os treinadores a optarem por ensinar o futsal tanto em instituições de escolinhas de base quanto na maioria das escolas de ensino em educação básica são: (a) o futsal requer quantidade menor de atletas, o que facilita o trabalho do treinador com os mesmos; (b) devido às suas proporções métricas, há mais quadras de futsal do que campos de futebol em grandes centros urbanos; (c) muitas das quadras de futsal são cobertas e possuem iluminação noturna, possibilitando desenvolver trabalhos a qualquer hora do dia; (d) os materiais necessários para desenvolver as sessões de treino podem ser improvisados ou adquiridos com maior facilidade por parte dos professores ou treinadores.

O futebol e suas variações (futsal, futevôlei, futebol society etc.) são considerados as modalidades esportivas mais populares em escala mundial (Costa & Nascimento, 2004). Segundo Garganta (1997), os jogos de futebol tanto de campo quanto o futsal encaixam-se num contexto maior classificado como jogos esportivos coletivos. O futebol, assim como outras modalidades coletivas, apresenta irregularidade técnica, exigências cumulativas fisiológicas e motoras e uma intensa participação do comportamento de atentar.

Na medida em que as ações do jogo ocorrem dentro de um contexto permanentemente variável de oposição e cooperação, o fator técnico-tático nos jogos de futebol assume uma importância capital para o desenvolvimento do esporte tanto em treino quanto em competição. Segundo Garganta, (1997) a técnica é entendida, de forma genérica, a um conjunto de processos bem definidos e transmissíveis que se destinam a produção de certos resultados. São as diferentes formas de utilização do corpo que permite lidar com cada característica de cada modalidade esportiva. Quando os movimentos são executados com coordenação, diz-se que a técnica do atleta é boa.

Sobre a tática, Garganta (1997) a define como uma característica comum aos esportes coletivos. Ela é específica a cada esporte. Corresponde a um conjunto de ações planejadas e de alternativas de decisão que permitem ao atleta arranjar um conjunto de atividades em curto prazo, com objetivos limitados, de tal forma que o sucesso no esporte contra um ou mais oponentes se torne possível. Cillo (2002) complementa essa definição ao afirmar que a tática ou comportamento tático é um conjunto de comportamentos que deve ser executado sequencialmente. Esse conjunto de comportamentos recebe nomes como sistemas, esquemas, jogadas ensaiadas, táticas coletivas etc. Aos jogadores é requerido que os comportamentos técnicos e táticos estejam em sincronia.

O estudo da tática no futebol, de acordo com Santos (2009), vem adquirindo uma importância crescente. Segundo ele, as especificidades da aprendizagem tática (como as jogadas ensaiadas) diferem de acordo com a modalidade esportiva que o atleta e o treinador se encontram. Nos jogos esportivos coletivos, como o futsal, a competição se desenrola em condições de grande variabilidade e aleatoriedade e, por essa razão, o uso de formações táticas específicas são imprescindíveis para o êxito esportivo.

De acordo com Costa e Nascimento (2004), o ensino de novos comportamentos táticos deve englobar um aspecto mais geral e próximo de uma situação de jogos. Esses autores defendem tanto o tradicional uso da *prancheta técnica*¹ quanto o uso de sofisticadas tecnologias como *softwares* para o desenvolvimento, por exemplo, de uma nova jogada ensaiada. Contudo, não basta que as instituições ou escolas de formação de atletas invistam tempo e dinheiro em equipamentos que auxiliam o treinador no procedimento de treinamento de sua equipe. É importante também que se invistam esforços na capacitação dos profissionais, visto que o sucesso de um programa de treinamento está relacionado à capacitação dos profissionais da equipe técnica (Marques Junior, Garcia & Furtado, 2008).

No que diz respeito à capacitação de profissionais, em especial na capacitação de treinadores, desde o final dos anos 70, uma equipe de pesquisadores norte-americanos, liderada por Ronald Smith e Frank Smoll (Smith, Smoll, & Curtis, 1979; Smith, Zane, Smoll, & Coppel, 1983; Smith, Smoll, & Hunt, 1977) tem estudado os efeitos que os comportamentos dos treinadores têm sobre o comportamento dos atletas. Eles concluíram que os treinadores apresentam uma baixa percepção dos seus comportamentos na interação com

¹ *Prancheta técnica*: É uma prancheta com uma ou mais folhas de papel impressas com o desenho da quadra. Nessa folha, o treinador desenha a jogada ensaiada ou outras instruções para os atletas a fim de facilitar a visualização e o ensino de jogadas.

os atletas. Em vista desse fato, eles deram início ao *Programa de Formação para Eficácia de Treinadores* (PFET), conhecido também como *Coach Effectiveness Training* (CET).

O PFET consiste em um *workshop*, com aproximadamente 3 h, que visa ensinar aos treinadores um conjunto de comportamentos. Todos esses comportamentos são avaliados por meio de observações e registros. Com o objetivo de observar o comportamento do treinador durante sua interação com os atletas, eles desenvolveram o *CBAS* (*Coaching Behavior Assessment System* – Sistema de Avaliação do Comportamento do Treinador). O CBAS avalia 12 dimensões de comportamentos do treinador distribuídas em duas categorias (reativas e espontâneas). O primeiro grupo inclui comportamentos como reforçar e não reforçar comportamentos desejados de atletas quando eles ocorrem, dar instruções e punir após erros, ignorar erros e manter-se no controle quando o atleta se comporta de maneira inadequada. O segundo grupo inclui comportamentos como encorajar, organizar e fazer comentários gerais, comportamentos esses que são independentes da ocorrência do comportamento do atleta (Smith et al., 1979; Smith & Smoll, 1991; Smith & Ward, 2006).

De acordo com os pesquisadores que utilizaram o PFET, os treinadores que fazem uso de reforço positivo e de encorajamentos e instruções técnicas frente aos erros cometidos pelos atletas, além de priorizarem a diversão e o desenvolvimento pessoal mais do que o desempenho atlético, foram percebidos como melhores treinadores por seus atletas. Além disso, os atletas que relataram ter um envolvimento mais positivo com o treinador e colegas obtiveram melhores escores em testes que avaliavam autoestima.

Sudo e Souza (2008) desenvolveram um trabalho cujo objetivo foi avaliar os efeitos de um programa de capacitação de treinadores sobre comportamentos de um treinador de tênis no estabelecimento de metas para os atletas durante o treino. Participaram dessa pesquisa um treinador e dois atletas. O estudo foi dividido em três fases. Na primeira fase, por meio de filmagens e registros, calculou-se a porcentagem de ocorrência de instruções, encorajamentos, correções, elogios, os tipos de exercícios aplicados pelo treinador durante os treinos, o número de vezes que o treinador registrou o desempenho dos atletas e que participou dos exercícios aplicados por ele. A segunda fase consistiu no treino de habilidades específicas do treinador. O *Feedback* acerca do comportamento do treinador lhe era fornecido durante e ao final dos treinos. A Fase 3 foi semelhante em estrutura à Fase 1. Observou-se que houve aumento na porcentagem de instruções, correções e elogios descritivos e redução da porcentagem de críticas, durante e após a intervenção. Houve aumento na porcentagem de registros da participação do treinador nos exercícios e os comportamentos aprendidos pelo treinador ocorreram nas interações com outros alunos de outras turmas demonstrando que

houve generalização dos conteúdos aprendidos para outros alunos e em outros ambientes de treino.

Assim como Sudo et al. (2008), Lima e Souza (2009) também desenvolveram um estudo que teve por objetivo avaliar o efeito de um treinamento baseado em instruções sobre a frequência de comentários de natureza reforçadora, motivadora, irônico-repressiva e corretiva, apresentados por um treinador da categoria mirim. A pesquisa foi dividida em três fases. Na primeira fase, foram feitos os registros dos comentários do treinador durante cinco jogos. Na segunda fase, correspondente à sessão de orientação, realizou-se uma sessão de capacitação do treinador. Para a realização da sessão, foi usada uma apostila contendo situações-problema desenhadas em forma de “tirinhas” de quadrinhos e o treinador teve aproximadamente 20 minutos para responder qual era a solução mais adequada para cada problema proposto. Em seguida, transparências com a situação problema e as opções de solução foram apontadas, também com a mesma finalidade. A terceira fase foi semelhante em estrutura à Fase 1, porém o número de jogos em que os comentários foram avaliados foi quatro e não cinco como na primeira fase. Verificou-se que houve, por parte do treinador, um aumento na porcentagem de comentários instrutivos e reforçadores e diminuição da porcentagem de comentários irônico-repressivos e corretivos.

Os dados obtidos nas pesquisas supracitadas corroboram os obtidos por outros autores como, por exemplo, Cruz (1997), Smith et al. (1979). Esses autores sugeriram haver necessidade do desenvolvimento de pesquisas que visem à capacitação de treinadores, uma vez que a maneira como o treinador se comporta pode afetar a participação dos atletas em esportes, principalmente quando se trata de iniciação esportiva (Black & Weiss, 1992).

Em razão do exposto até aqui, formulou-se a questão se o uso de um tabuleiro afetaria a aprendizagem de jogadas ensaiadas de crianças praticantes de futsal. Essa questão levou ao desenvolvimento de um estudo cujos resultados permitiram a redação do artigo apresentado a seguir. Ressalta-se que esta dissertação foi elaborada seguindo as novas normas de dissertação do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina que pressupõe a apresentação de trabalho em formato de artigo.

ARTIGO**O USO DE UM TABULEIRO NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE JOGADAS ENSAIADAS A CRIANÇAS PRATICANTES DE FUTSAL**

Henrique Bayer²
VerônicaBender Haydu³
Silvia Regina de Souza⁴
Wilton Carlos Santana⁵

Endereço para correspondência: Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento/ Universidade Estadual de Londrina
Rodovia Celso Garcia Cid, PR 445, KM 380Caixa Postal 6001
Cep 86051-990 Londrina/PR
Fone/Fax: (43) 33714227
E-mail: ssouza.arrabal@gmail.com ou ssouza@uel.br

² Acadêmico do curso de Mestrado em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina.

³ Professora Adjunta do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina e do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento. Doutora em Psicologia Experimental pela USP

⁴ Professora Associada do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina e do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento. Doutora em Psicologia Clínica pela USP.

⁵ Professor adjunto do departamento de esporte da Universidade Estadual de Londrina. Doutor em Educação Física pela Unicamp.

O USO DE UM TABULEIRO NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE JOGADAS ENSAIADAS A CRIANÇAS PRATICANTES DE FUTSAL

RESUMO: O objetivo do presente estudo é investigar o efeito do uso de um tabuleiro sobre o ensino de jogadas ensaiadas a crianças praticantes de futsal. Participaram três treinadores de futsal e três grupos de cinco crianças entre 8 e 9 anos de idade que praticam o esporte em uma escola ou clube da cidade de Londrina. Na Etapa 1, os treinadores e as crianças foram distribuídos em três grupos e pediu-se a um especialista na área que elaborasse seis jogadas ensaiadas com graus de dificuldade diferentes, sendo duas consideradas fáceis, duas com grau médio de dificuldade e duas difíceis. A Etapa 2 foi dividida em duas fases. Na Fase 1, o pesquisador ensinou aos treinadores como empregar o tabuleiro durante as aulas. Na Fase 2, os treinadores ensinaram às crianças como usar o tabuleiro nas jogadas. Finalmente, na Etapa 3, após o ensino da jogada com ou sem o tabuleiro, o treinador pedia para as crianças, na quadra, executarem as jogadas que foram ensinadas. O desempenho do treinador e das crianças foi registrado e analisado. Os resultados apontaram que, de modo geral, os treinadores, durante ensino da jogada com o auxílio do tabuleiro, emitiram menos instruções parciais e críticas e mais elogios. Quanto ao desempenho das crianças constatou-se que não houve diferença no número de tentativas para atingir o critério de aprendizagem em ambas as condições (com e sem o auxílio do tabuleiro).

Palavras-chave: Análise do comportamento. Crianças. Futsal. Jogada ensaiada. Psicologia do esporte. Treinamento esportivo.

ABSTRACT: The aim of this study is to investigate the effect of using a game board on teaching the children rehearsed plays indoor soccer. Participated three coaches and three groups of five children between 8 and 9 years of age who practice sport in a school or club from the city of Londrina. In Step 1, the coaches and the kids were divided into three groups and asked to an expert in the field to prepare six set pieces with different degrees of difficulty, with two considered easy, two medium degree of difficulty and two difficult. Step 2 was divided into two phases. In Phase 1, the researcher taught the coaches how to use the board during class. In Phase 2, the trainers taught the children how to use the board rolls. Finally, in Step 3, after teaching played with or without the board, the coach asked for the children, the court, run the plays that were taught. The performance of the coach and the children was recorded and analyzed. The results showed that, overall, the coaches for teaching the play with the help of the board, issued instructions partial and less criticism and more praise. As to the performance of the children was found that there was no difference in the number of attempts to reach the learning criterion in both conditions (with and without the help of the board).

Keywords: Behavior Analysis. Children. Soccer. Sports psychology. Sports training.

O estudo da tática no futebol, de acordo com Santos (2009), vem adquirindo uma importância crescente. Nos jogos esportivos coletivos, como o futsal, a competição se desenrola em condições de grande variabilidade e aleatoriedade e, por essa razão, o uso de formações táticas específicas (jogadas ensaiadas) são imprescindíveis para o êxito esportivo.

Entende-se por jogada ensaiada o treino de comportamentos sucessivos ou simultâneos de um ou mais jogadores, a partir de determinadas características dos comportamentos dos adversários, regras da modalidade e o espaço físico disponível (Cillo, 2002). Na jogada ensaiada, a emissão do comportamento de um atleta dependerá tanto de aspectos como posição do time adversário e dos atletas da mesma equipe quanto da bola estar ou não com ele. O comportamento do atleta dependerá então, tanto de aspectos do ambiente não social quanto social. Entre os estudos que investigaram o ensino de jogadas ensaiadas, sobre o desempenho esportivo destacam-se os de Cillo (2002) e Ferreira (2011).

Cillo (2002) realizou um estudo no qual avaliou o desempenho tático dos jogadores de um time de basquetebol, destacando jogadas ensaiadas de ataque, e sua relação com a produção de resultados na modalidade. Participaram desse estudo 11 jogadores de um time de basquetebol. Inicialmente foram cedidas, pelo técnico, planilhas com 18 modelos de jogadas ensaiadas. O pesquisador selecionou 10 dos 18 modelos para serem registradas durante a coleta de dados. Foram filmados e registrados 47 jogos durante uma temporada registrando, simultaneamente, as jogadas em vídeos e em folhas de registro manualmente. Em seguida, realizou a análise dos jogos, considerando o número de ocorrências de cada jogada, os resultados produzidos e o posicionamento inicial dos jogadores logo após a instrução da jogada. Foram identificadas 64 jogadas passíveis de análise durante os jogos, sendo que 24 produziram pontos diretamente, 17 possibilitaram continuidade de posse de bola e em 23 houve perda de bola sem pontuação. Constatou-se ainda que os jogadores que finalizavam mais vezes as jogadas eram os que atenderam às instruções no referente à posição inicial. Com relação à escolha das jogadas a serem realizadas, em razão do tipo de marcação, os armadores acertaram em 58 das 64 oportunidades; a maioria dos erros deveu-se a uma inadequação dos comportamentos de marcar ocorrido durante a jogada. Outro dado que chama atenção diz respeito à realização da jogada ensaiada: 64% das jogadas ensaiadas produziram pontos ou a possibilidade de pontuar.

Os resultados obtidos por Cillo (2002) evidenciaram a importância de conduzir estudos nos quais jogadas ensaiadas de diferentes modalidades esportivas são treinadas. Interessada nesses resultados, Ferreira (2011) avaliou os efeitos de um programa de capacitação de treinadores sobre comportamentos verbais emitidos por um treinador de

basquete no ensino de uma jogada ensaiada para atletas cadeirantes. Participaram dessa pesquisa, um treinador e 10 jogadores com idades entre 16 e 41 anos. A pesquisa foi dividida em cinco etapas. Na primeira etapa, foi selecionada a jogada a ser ensaiada durante os treinos; na segunda etapa, foram elaboradas as categorias para a análise do comportamento verbal do treinador. Na terceira etapa, correspondente à linha de base, foram filmadas cinco sessões de treino, calculando-se a taxa de emissão de instruções, encorajamento, correções, elogios e punições fornecida aos atletas pelo treinador, além de serem registrados alguns aspectos da jogada (se ela foi realizada, o número de vezes etc) e o comportamento dos jogadores que compunham a jogada. Na quarta etapa (intervenção), o treinador passou por três sessões de capacitação e os treinos continuaram a ser filmados e categorizados como na linha de base. A quinta etapa (pós-intervenção) foi semelhante em estrutura à Etapa 3. Verificou-se que houve diminuição nas taxas de verbalizações fornecidas pelo treinador para as categorias instrução com e sem descrição de consequência, punição e correção. Com relação às categorias elogio e encorajamento, houve um pequeno aumento na taxa de respostas. Quanto à jogada ensaiada, verificou-se que os jogadores apresentaram melhora na sua execução com e sem o uso de defesa.

As pesquisas de Cillo (2002) e Ferreira (2011) demonstram pontos importantes que merecem ser destacados. Os resultados obtidos por Cillo (2002) indicam que as chances de fazer pontos foram maiores quando os jogadores movimentaram-se e posicionaram-se nos jogos de acordo com o que havia sido treinado. Porém, nesse estudo, não houve uma preocupação direta com o treino da jogada ensaiada nem com a capacitação do treinador. Os dados obtidos por Ferreira sugerem a necessidade de estudos que visem à capacitação do treinador, especialmente no que diz respeito ao ensino da jogada ensaiada, uma vez que os atletas apresentaram melhora de desempenho nas jogadas.

Outras pesquisas (por exemplo, Cruz, 1997; Lima; Souza, 2009; Smith et al., 1979) também afirmam a importância de se capacitar treinadores, uma vez que a maneira como ele se comporta pode afetar a participação dos atletas em esportes, principalmente quando se trata de iniciação esportiva. Além da comunicação entre treinadores e atletas, a capacitação de treinadores deveria enfatizar, ainda, as estratégias de treinamento empregadas por eles. São muitas as estratégias de treinamento que podem ser usadas pelos treinadores, em especial pelos treinadores de futebol de campo e de futsal (Moreira & Greco, 2005). Segundo Graça (1997), os últimos 20 anos foram os melhores para atletas e treinadores tanto no que diz respeito à evolução do comportamento de treinar no futebol, quanto à bibliografia sobre o assunto. As sessões de treino modernizaram-se, deixaram de ser repetitivas e passou-se a

investigar as mais diversas variáveis que poderiam ter chances de facilitar o aprendizado de atletas, melhorando, assim, seu desempenho. Dentre os trabalhos produzidos sobre o tema destaca-se o estudo de Rodrigues (2003).

Rodrigues (2003) analisou e discutiu as metodologias de treino de um time da primeira divisão do campeonato gaúcho de futebol de campo que foram copiadas de um time paulista durante o campeonato brasileiro de 2002. Os resultados apontam que, além dos métodos tradicionais de treinamento utilizados, novos procedimentos, usados por um time da primeira divisão do campeonato paulista, foram empregados, tais como: uso de filmagens durante e após as sessões de treino para apontar para os jogadores o momento exato em que eles cometiam os erros nas jogadas outrora ensaiadas; a utilização de viseiras que impediam os atletas de olharem para baixo, garantindo maior controle de bola e visão de jogo; o treino de chute ao cesto, para aprimorar a pontaria em cruzamentos e passes longos, entre outros. Embora, como conclusão de seu trabalho, o autor tenha sugerido que o uso de novas metodologias para ensino tenha contribuído para o desempenho dos atletas, ressalta-se que durante o campeonato outras variáveis poderiam explicar a mudança de desempenho, entre elas, a troca da antiga comissão técnica pela nova, ocorrida logo no início do campeonato, esses aspectos levam à sugestão de que são necessárias novas investigações com melhor controle experimental.

Ainda sobre a importância da modernização da metodologia de treinamento, Costa e Nascimento (2004) afirmam que os tipos de treino para o ensino de novos comportamentos táticos devem englobar um aspecto mais geral e próximo aos jogos. Esses autores defendem tanto o tradicional uso da *prancheta técnica*⁶ quanto o uso de sofisticadas tecnologias como *softwares* de computador para o desenvolvimento, por exemplo, de uma nova jogada ensaiada. Pensar na modernização da metodologia de treinamento é especialmente importante quando se trabalha com jovens atletas, pois, embora as sessões de treino tenham se modernizado, ainda hoje, em muitos locais com poucos recursos financeiros, as sessões de treino são realizadas de maneira semelhante às realizadas nos anos entre 1950 e 1970, tornando-as pouco estimulantes e exaustivas (Graça, 1997). Embora a repetição possa ser um fator importante, quando se trata de crianças ou jovens atletas, outras estratégias devem ser empregadas, já que muitos poderão ficar entediados com esse tipo de sessão de treino.

⁶ *Prancheta técnica*: É uma prancheta com uma ou mais folhas de papel sulfite A4 impressas com desenho da quadra. Nessa folha, o treinador desenha a jogada ensaiada ou outras instruções para os atletas a fim de facilitar a visualização e o ensino de jogadas.

Em vista do exposto até aqui questiona-se neste artigo se o uso de um tabuleiro semelhante aos usados em jogos de botão poderia ser empregado como recurso para o ensino de aspectos técnicos e táticos pelos treinadores. Pretende-se, portanto, investigar o efeito do uso de um tabuleiro sobre o ensino de jogadas ensaiadas a crianças praticantes de futsal.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Participaram do presente estudo três treinadores e 15 crianças do sexo masculino pertencentes a categoria sub-nove. Os treinadores tinham pelo menos cinco anos de experiência no ensino do futsal e as crianças praticavam o futsal há mais de seis meses. As crianças e os treinadores pertenciam a clubes diferentes.

LOCAL

A coleta de dados foi realizada no local de treino dos participantes, no colégio e/ou clube no qual as crianças treinavam, em horários previamente combinados com o treinador responsável.

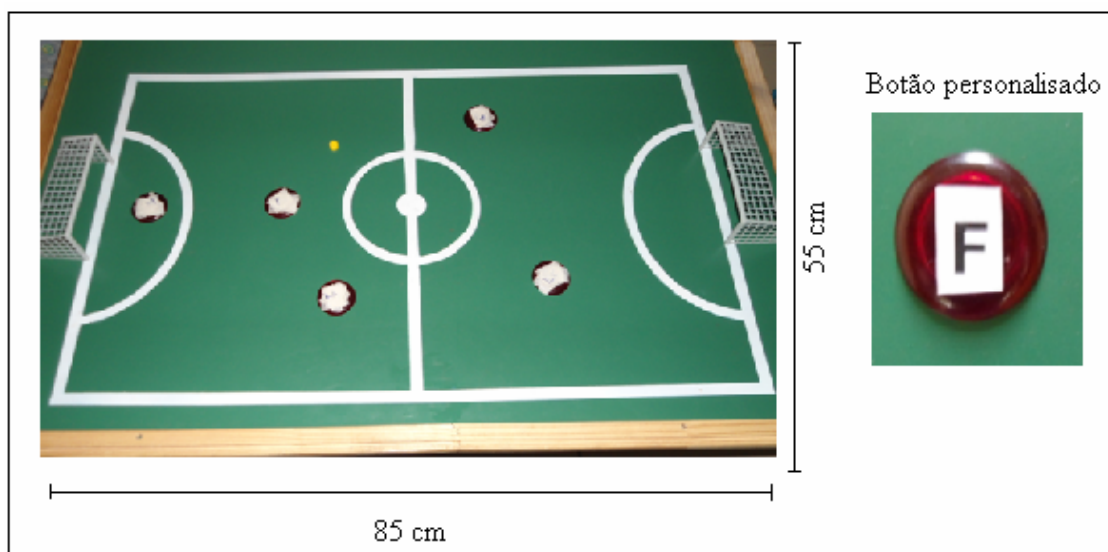
MATERIAIS

Usou-se uma câmera filmadora para gravar as sessões de treino e o tabuleiro.

TABULEIRO

O tabuleiro usado tinha as seguintes dimensões: 55 centímetros de altura por 85 centímetros de largura. O tabuleiro possuía, ainda, 15 botões personalizados. A letra inicial do nome de cada atleta foi colada nos botões. A Figura 1 apresenta o tabuleiro e as peças usadas.

Figura 1 – Tabuleiro adaptado e um botão personalizado usado durante a pesquisa.



PROCEDIMENTO

Após o contato com os responsáveis pelos clubes/escola e com os treinadores, realizou-se uma reunião com a finalidade de explicitar os objetivos da mesma. Após a autorização dos responsáveis pelas instituições e dos treinadores, feita por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), os pais das crianças foram contatados e, em uma reunião, explicitaram-se os objetivos desta pesquisa. Os pais que consentiram a participação de seu filho na pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B). O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética com Humanos da Universidade Estadual de Londrina, parecer CEP/UEL 247/2011. O trabalho foi composto por três etapas descritas detalhadamente a seguir.

ETAPA 1 – SELEÇÃO, CATEGORIZAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS TREINADORES E DAS JOGADAS ENSAIADAS.

Inicialmente pediu-se a um especialista na área que elaborasse seis jogadas ensaiadas que seriam ensinadas às crianças. As jogadas deveriam ter três graus de dificuldade diferentes, duas consideradas fáceis, duas com grau médio de dificuldade e duas difíceis. Para classificar o grau de dificuldade de cada jogada considerou-se a quantidade de comportamentos envolvidos na jogada, bem como a topografia dos comportamentos requeridos para executá-las. Seis folhas com o desenho de uma quadra de futsal foram entregues ao especialista da

área (Anexo C) e ele desenhou nelas cada uma das seis jogadas. Com base no desenho de cada jogada ensaiada, a movimentação de cada atleta na jogada foi descrita em uma figura (Anexo D). Essa descrição foi usada para avaliar se a jogada foi executada corretamente e, quando não estava correta, identificava-se qual foi o erro cometido.

Após a descrição de cada jogada ensaiada, o pesquisador distribuiu os treinadores com suas equipes completas em três grupos. Para o Grupo 1 (Treinador 1 e sua equipe), foram trabalhadas inicialmente as jogadas fáceis seguidas pelas médias e, finalmente, as consideradas difíceis. Para o Grupo 2 (Treinador 2 e sua equipe), a sequência das jogadas foi difícil, grau médio de dificuldade e as consideradas fáceis. Para o Grupo 3 (Treinador 3 e sua equipe), as consideradas com grau médio de dificuldade, as fáceis e as difíceis.

Após a formação dos grupos, o pesquisador apresentava a cada grupo em separado, a primeira jogada ensaiada e pedia que o treinador a ensinasse da maneira como ele usualmente faz. Após o treino da primeira jogada, o pesquisador ensinava o treinador a usar o tabuleiro. Em seguida, era apresentada a Jogada 2, que deveria ser treinada com o auxílio do tabuleiro.

A Tabela 1 apresenta como as jogadas foram categorizadas e distribuídas para cada treinador.

Tabela 1 – Sequência de cada jogada ensaiada para cada um dos grupos

Treinadores	Categorização das Jogadas ensaiadas e sequência ordinal de treino para cada treinador.					
	Jogadas Fáceis		Jogadas Médias		Jogadas Difíceis	
	Jogada 1 sem o uso do Tabuleiro	Jogada 2 com o uso do Tabuleiro	Jogada 1 sem o uso do Tabuleiro	Jogada 2 com o uso do Tabuleiro	Jogada 1 sem o uso do Tabuleiro	Jogada 2 com o uso do Tabuleiro
Grupo 1	1°	2°	3°	4°	5°	6°
Grupo 2	5°	6°	3°	4°	1°	2°
Grupo 3	3°	4°	1°	2°	5°	6°

Obs: As jogadas estão identificadas por números ordinais de acordo com a sequência com que foram realizadas.

ETAPA 2 – ENSINO E APLICAÇÃO DO USO DO TABULEIRO ADAPTADO AO FUTSAL.

Conforme descrito anteriormente, pediu-se aos treinadores que ensinassem a Jogada 1 sem o tabuleiro. Após o treino dessa jogada com as crianças, os treinadores eram instruídos a

treinar a próxima jogada usando o tabuleiro. Essa etapa constou de duas fases descritas a seguir.

FASE 1 – ENSINO DOS TREINADORES QUANTO AO USO DO TABULEIRO.

Essa etapa foi realizada em uma sessão. Nessa sessão, inicialmente, era apresentada ao treinador a jogada a ser ensinada, por meio de um desenho feito em papel. Em seguida, o tabuleiro era apresentado ao treinador e seu funcionamento explicitado a partir da seguinte instrução:

“Esse tabuleiro foi desenvolvido com a finalidade de ensinar às crianças jogadas ensaiadas de uma maneira que seja mais divertida para elas. Todas as vezes que você for usá-lo você deverá colocá-lo em cima de uma mesa, na mesma direção da quadra. Isso facilitará a observação da quadra e dos componentes do tabuleiro pelas crianças. Em seguida, você deverá colocar as traves, a bolinha e os botões referentes aos jogadores no tabuleiro [o pesquisador colocava as peças indicando as posições], que poderão ser personalizados para cada participante com a inicial da letra de seu nome colada em cima de cada botão”.

Posteriormente, o pesquisador retirava todas as peças que ele colocou e pedia ao treinador que as posicionasse e movimentasse de acordo com o desenho da jogada a ser treinada. A seguinte instrução era dada: *“Com as peças nas suas devidas posições eu gostaria que você realizasse a próxima jogada ensaiada que foi selecionada”*. A jogada era realizada até que o treinador conseguisse executá-la corretamente por duas vezes consecutivas. Feito isso, o pesquisador dava a seguinte instrução:

“Bem, você sabe como usar o tabuleiro. Agora irei, detalhadamente, instruí-lo como você deverá treinar as crianças. Após explicar os objetivos da aula com suas palavras, você reunirá as crianças em volta do tabuleiro que deverá estar corretamente posicionado e explicará que cada criança corresponde apenas a um único botão. Cada uma só poderá tocar no botão correspondente a ela usando os dedos das mãos. Quanto à bolinha, essa só poderá ser tocada pela criança que estiver executando a jogada no momento em que a bolinha estiver perto dela. Feito isso, você deverá treinar a jogada com cada uma das crianças por três

vezes. Ela deverá mexer a peça dela e você as demais. Cada criança deverá executar corretamente a movimentação da sua peça por três vezes consecutivas ou cinco vezes de seis (83,5% de acerto). Em seguida, você pedirá que todas as crianças realizem a movimentação das peças em conjunto. Elas deverão executar a jogada até que atinjam o seguinte critério: realizem a jogada por três vezes consecutivas sem erros ou cinco vezes de seis (83,5% de acertos)”.

Essa instrução era dada com o pesquisador demonstrando ao treinador como ensinar a jogada no tabuleiro. Dúvidas do treinador durante essa fase foram esclarecidas durante o procedimento de ensino. A Tabela 2 apresenta os comportamentos do treinador selecionado para análise durante o ensino das jogadas ensaiadas às crianças.

Tabela 2 – Guia de observação dos comportamentos do treinador durante o ensino das jogadas ensaiadas às crianças na quadra e no tabuleiro.

Guia de observação	
Comportamentos do treinador em relação ao ensino da jogada às crianças na quadra	
Item	Descrição
Funcionamento Geral	-Explicar o objetivo da aula (ensino da jogada ensaiada). - Explicar às crianças o que é uma jogada ensaiada.
Procedimentos empregados para o ensino da jogada	- Emprego de modelagem, modelação, instruções para o ensino da jogada.
Critérios de proficiência	- Estabelecimento de critérios para avaliar quando a jogada foi aprendida.
Comportamentos do treinador em relação ao ensino das jogadas às crianças por meio do tabuleiro	
Item	Descrição
Funcionamento Geral	-Explicar o objetivo da aula (ensino da jogada ensaiada). - Explicar às crianças o que é uma jogada ensaiada. - Explicar o porquê de se usar um tabuleiro semelhante ao usado no futebol de botão para executar uma jogada ensaiada.
Uso do Tabuleiro	- Posicionar o tabuleiro na mesma direção da quadra. - Colocar o tabuleiro em cima de uma mesa em uma altura compatível com a altura das crianças. - Explicar corretamente para cada criança as peças do tabuleiro. - Indicar cada criança para uma peça no tabuleiro. - Posicionar as peças corretamente de forma que a jogada possa ser iniciada.

Funcionamento do Tabuleiro	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar a jogada ensaiada corretamente. - Explicar para cada criança, separadamente, qual deve ser sua atuação durante as jogadas. - Explicar a movimentação de cada peça quando a jogada ensaiada for realizada por todos os atletas conjuntamente. - Estabelecer e cumprir critérios de proficiência.
Procedimentos empregados para o ensino da jogada	<ul style="list-style-type: none"> - Empregar modelagem, modelação, instruções para o ensino da jogada.

FASE 2 – (ENSINO DAS CRIANÇAS QUANTO AO USO DO TABULEIRO).

Nessa fase, para ensinar as crianças, o treinador era instruído a reuni-las e explicar os objetivos da aula. Feito isso, ele posicionava o tabuleiro em cima de uma mesa na mesma direção da quadra. Em seguida, ele colocava as traves, a bolinha e os botões referentes aos jogadores no tabuleiro e perguntava se elas desejavam ter seus botões personalizados com a letra inicial de seu nome colada em cima de cada botão. Posteriormente, ele explicava por três vezes a posição inicial na jogada e a sequência de movimentos que a criança deveria realizar. Esse ensino se deu de forma individualizada. O treinador explicava também, que cada criança devia movimentar com os dedos das mãos, apenas, a peça (o botão) correspondente a ela enquanto jogador. A bolinha só poderia ser tocada pela criança que estava participando da jogada naquele momento. Feito isso, ele pedia à criança para executar os movimentos de sua peça por três vezes. O critério para encerrar o ensaio era de três acertos consecutivos ou cinco de seis alternados. Caso ela não conseguisse alcançar esse critério, o treinador repetia a instrução até que a criança conseguisse realizar a movimentação de sua peça. Após ensinar todas as crianças, separadamente, o treinador pedia para que elas realizassem a jogada em conjunto até que as crianças a executassem por três vezes consecutivas sem erros ou cinco vezes em seis tentativas. Durante todo o processo de ensino das jogadas ensaiadas às crianças, as verbalizações do treinador e das crianças foram registradas e analisadas de acordo com as categorias apresentadas na Tabela 2 e 3.

Tabela 3 – Guia de observação dos comportamentos verbais do treinador durante a execução das jogadas pelas crianças no tabuleiro e na quadra (adaptado de Sudo et al., 2008).

Guia de Observação		
Comportamentos do treinador durante o ensino e a execução das jogadas pelas crianças na quadra e no tabuleiro		
Item	Descrição	Exemplos
Instruções técnicas parciais	O treinador verbaliza o que as crianças deverão realizar durante a jogada ensaiada, sem descrever as consequências do comportamento instruído.	“_ Passe a bola para o atacante quando o meio de campo estiver voltando” ou “_ Cobre o lateral com mais força e pontaria”.
Instruções com descrição de consequências	O treinador verbaliza o que as crianças deverão realizar durante o exercício e especifica as consequências naturais ou arbitrárias do seguimento da instrução fornecida.	“_ Passe a bola para o atacante quando o meio de campo estiver voltando e ganhe mais espaço para se movimentar” ou “_ Com o lateral cobrado com mais força e pontaria a jogada poderá ser realizada com maior eficiência”.
Encorajamento	O treinador encoraja as crianças a terminar a execução da jogada e a executá-la de acordo com os critérios ou prazos.	“_ Vamos, vamos, vamos.” “_ Só mais um minutinho, vamos lá!” “_ Vai que você consegue!”
Críticas	O treinador faz críticas às crianças, responde de modo ríspido às suas perguntas e/ou utiliza expressões sarcásticas.	“_ Beleza, pode deixar a bola passar debaixo das pernas mesmo. No jogo também” ou “_ Com certeza melhorou, melhorou muito mesmo”.
Correções parciais	O treinador diz às crianças que existe uma habilidade executada incorretamente e enfatiza apenas o que a criança não deve fazer.	“_ Não chute de três dedos” _ “Não olhe para a bola quando for em direção ao gol”.
Correções com descrição de consequências	O treinador sinaliza a habilidade executada incorretamente, descreve o que a criança não deverá fazer e as consequências naturais ou arbitrárias desse comportamento.	“_ Não chute de três dedos no treino senão você errará o chute na hora do jogo” “_ Não se movimente olhando para a luz da quadra senão você irá trombar em alguma outra criança”.
Elogio parcial	O treinador verbaliza elogios sem descrever o que a criança acertou.	“_ Isso, João!” “_ Boa, boa!”.
Elogio descritivo	O treinador elogia e verbaliza o que a criança fez corretamente, descrevendo as consequências que ocorreram após o comportamento adequado.	“_ Jogou o peso do corpo legal de novo.” “_ Você viu como essa você pegou bem lá na frente?”

A Tabela 4 apresenta categorias de comportamento das crianças que também foram consideradas para análise com a finalidade de avaliar a compreensão delas sobre o que foi ensinado pelo treinador.

Tabela 4 – Guia de observação dos comportamentos apresentados pelas crianças durante o ensino da jogada.

Guia de observação		
Comportamentos das crianças durante o procedimento de ensino e aprendizado das jogadas ensaiadas na quadra e no tabuleiro		
Item	Descrição	Exemplos
Perguntas gerais sobre posicionamento	Questões feitas pelas crianças ao seu posicionamento ou de algum de seus amigos durante o ensino das jogadas.	“_ Aonde é que eu fico?” “_ Mas o Fulano não vai fazer nada?” “_ Quem que vai ficar aqui atrás?” “_ Eu posso pegar a bola e sair correndo para o gol?”
Respostas das crianças às perguntas do treinador sobre as jogadas ensinadas	Verbalizações das crianças em resposta às perguntas do treinador durante o ensino da jogada.	“_ Sim entendi” “_ Não, me explique de novo” “_ Uhum, ok”
Comportamentos incompatíveis	Comportamentos das crianças incompatíveis com o ensino da jogada.	Risos, piadas. Comentários não relacionados ao ensino da jogada (ex. você viu o filme do Batman?) Brincar com as peças do tabuleiro antes, durante ou depois do processo de ensino.

ETAPA 3 – IR PARA A QUADRA E EXECUTAR A JOGADA.

Nessa etapa, após as orientações do treinador com ou sem o auxílio do tabuleiro, pedia-se as crianças que executassem a jogada ensinada na quadra sem o fator oposição. Nenhuma outra instrução era fornecida pelo treinador. Nesse momento, era registrado e analisado o desempenho das crianças de acordo com as categorias apresentadas na Tabela 5.

Tabela 5 – Guia de observação dos comportamentos das crianças em relação ao desempenho durante as jogadas.

Guia de Observação	
Comportamentos das crianças durante as jogadas com e sem o uso do tabuleiro	
Item	Descrição
Tentativas para atingir o critério de proficiência das jogadas	Refere-se à quantidade de repetições de partes ou toda a jogada necessária para que o treinador possa estabelecer se houve aprendizado.
Acertos das jogadas	Quando todas as crianças executam todas as movimentações que cada jogada exige.
Erros das jogadas	Quando existe incoerência relacionada à movimentação ou aos fundamentos do futsal em algum momento durante a jogada.

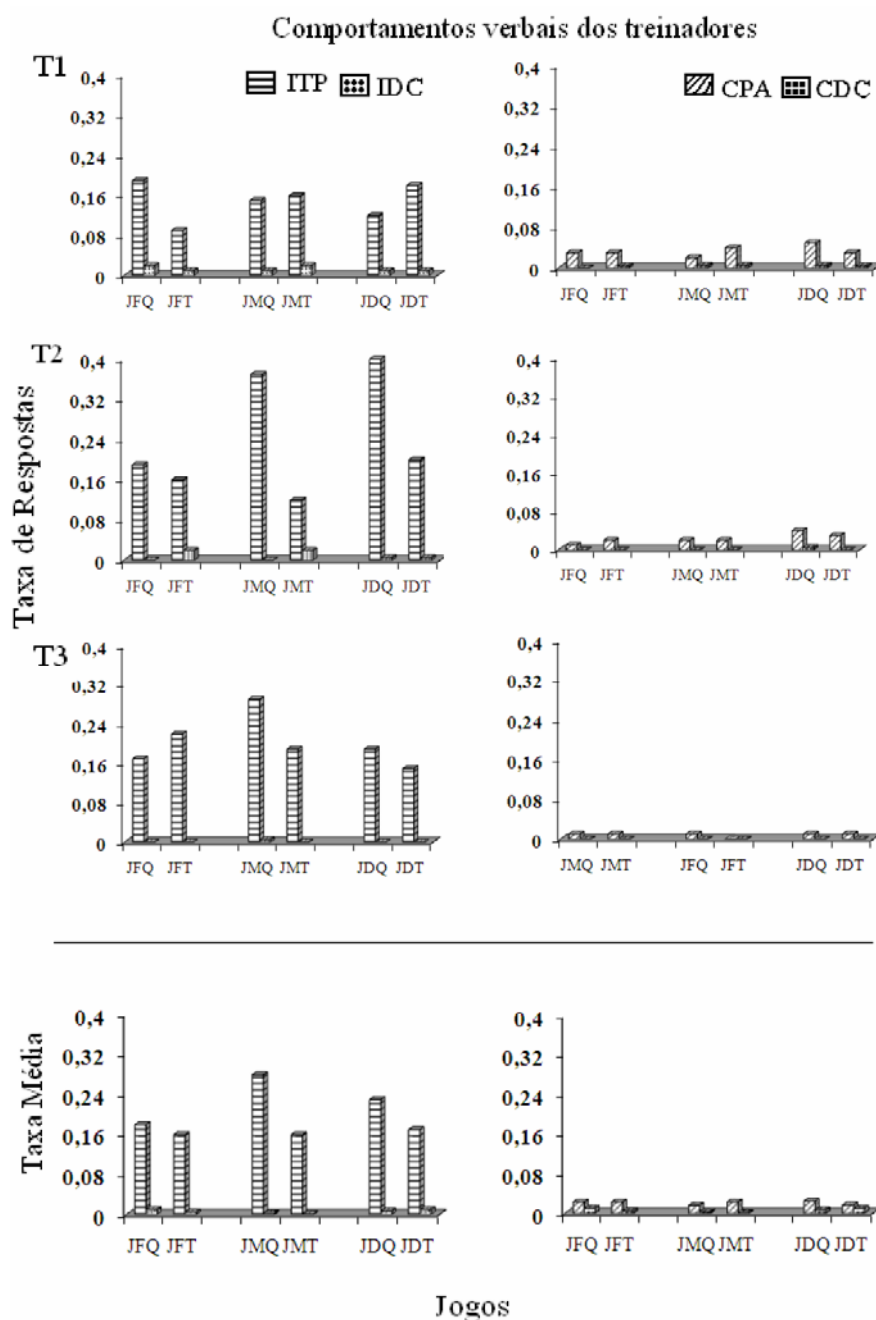
RESULTADOS

Quanto ao ensino da jogada, constata-se que apenas o Treinador 3 explicou às crianças o objetivo da aula e nenhum deles explicou o que seria uma jogada ensaiada ou o porquê de empregar um tabuleiro para ensiná-la, apesar de o pesquisador tê-los instruído a fazê-lo. No item “Procedimentos empregados para o ensino da jogada” observou-se que apenas instruções foram usadas durante todo o processo de ensino. Em relação ao critério de proficiência, verificou-se que cada treinador estabeleceu seu próprio critério, de acordo com as circunstâncias de cada jogada na quadra. Para o item “Uso do Tabuleiro”, observou-se que todos os treinadores, em todas as sessões, posicionaram o tabuleiro corretamente, explicaram o funcionamento do mesmo (quem seria o jogador correspondente a cada uma das peças e a função de cada um na jogada) e posicionaram corretamente todas as peças do tabuleiro para que as jogadas pudessem ser iniciadas. Quanto ao item “funcionamento geral do Tabuleiro”, todos os treinadores realizaram as jogadas ensaiadas corretamente, explicaram como as crianças deveriam movimentar suas peças e usaram de modelação e instrução para o ensino da jogada.

COMENTÁRIOS DO TREINADOR AO LONGO DO ENSINO DAS JOGADAS

As Figuras 2 e 3 apresentam a taxa de comentários feitos pelos três treinadores durante a execução das seis jogadas feitas pelas crianças na quadra e no tabuleiro. Na Figura 2 são apresentados os comentários referentes às instruções técnicas parciais (ITP), instruções com descrição de consequência (IDC), correções parciais (CPA) e correções com descrição de consequências (CDC). Na Figura 3 são apresentados os comentários referentes aos elogios parciais (ELOP), elogios com descrição de consequência (ELOD), encorajamentos (ENC) e críticas (CRI).

Figura 2 – Taxas dos comentários dos três treinadores e taxa média de comentários durante a execução das jogadas fáceis, médias e difíceis para as crianças, na quadra e no tabuleiro.



Legenda: ITP= Instruções técnicas parciais, IDC= instruções com descrição das consequências; CPA= Correções parciais, CDC= correções com descrição de consequências. JFQ=Jogada fácil na quadra, JFT=Jogada fácil no tabuleiro, JMQ=Jogada média na quadra, JDQ=Jogada difícil na quadra, JDT=Jogada difícil com o uso do tabuleiro.

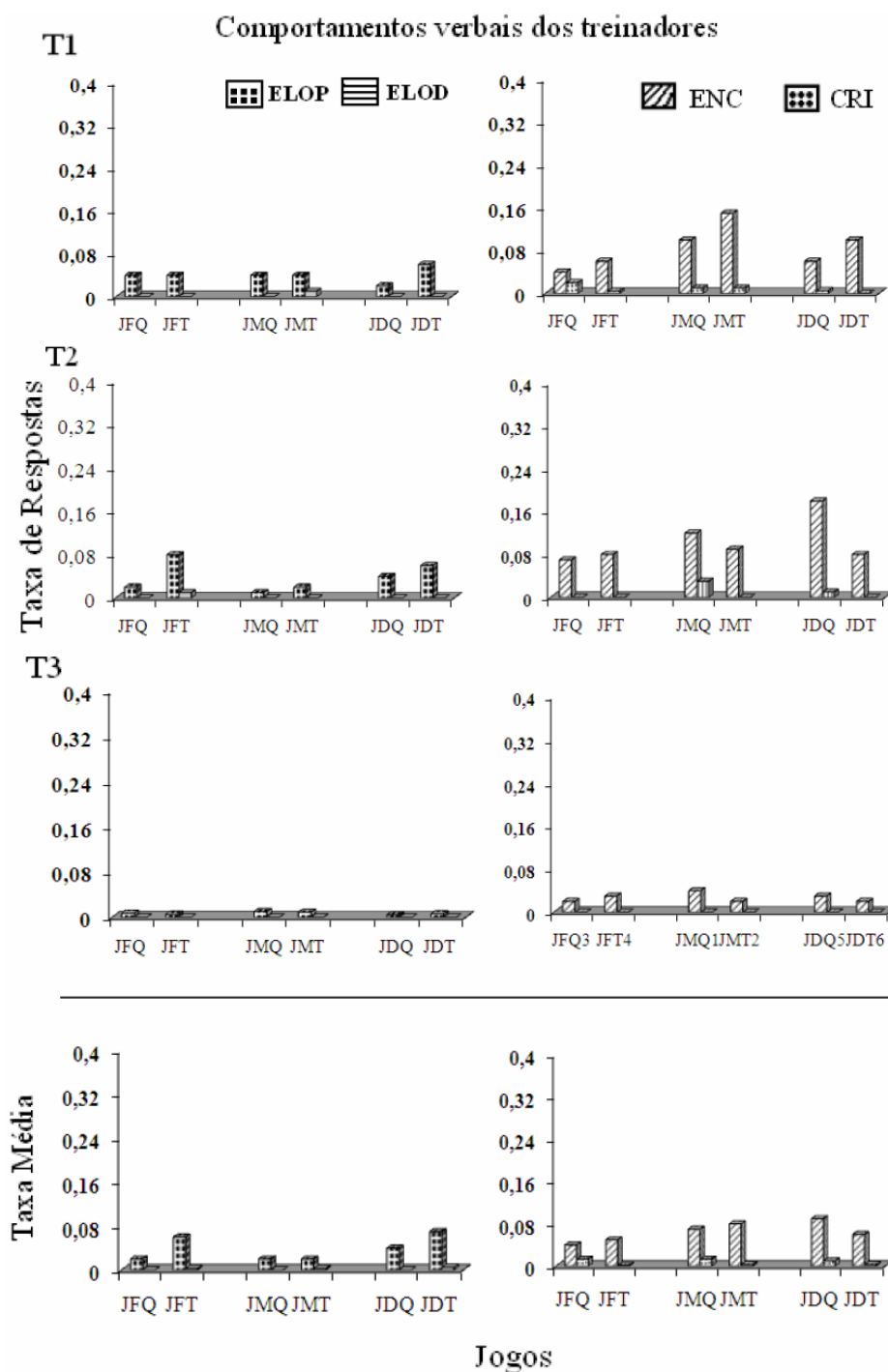
Constata-se que a taxa média de instruções técnicas parciais é maior que a taxa média das instruções com descrição de consequências (ITP = 0,19 / IDC = 0,001), independente da ordem na qual as jogadas foram ensinadas (Treinador 1: Fácil, Média, Difícil / Treinador 2: Difícil, Média, Fácil e Treinador 3: Média, Fácil, Difícil). Maior taxa de ITP é observada na

primeira jogada ensaiada na quadra (JFQ para o Treinador 1, JDQ para o treinador 2 e JMQ para o Treinador 3, Figura 4). As jogadas ensaiadas na quadra foram as primeiras a serem ensinadas pelos treinadores e isso pode explicar a necessidade de uma taxa maior de instruções para seu ensino. Os dados obtidos sugerem, ainda, que o grau de dificuldade da jogada não parece ser um fator relevante quando se considera a taxa de instruções dadas, isto é, não se pode afirmar que as jogadas fáceis levaram à apresentação de uma maior ou menor quantidade de instruções que as classificadas como médias e/ou difíceis.

Ainda em relação às instruções, verifica-se que a taxa média de instruções técnicas parciais foi maior na condição de ensino na quadra que na condição de ensino com uso do tabuleiro (ITPQ = 0,23 / IDCT = 0,16). Isso se deve principalmente aos dados dos Treinadores 2 e 3, respectivamente. O Treinador 2, nas jogadas com grau médio de dificuldade e nas avaliadas como difíceis, na quadra, emitiu uma alta taxa de instruções (JMQ = 0,37 e JDQ = 0,40), assim como o Treinador 3 na jogada média na quadra (JMQ = 0,29). Ao se avaliar a taxa média de instruções com descrição de consequências, constata-se que ela foi maior na condição de ensino por meio do tabuleiro que na condição de ensino na quadra (IDCT = 0,009 / IDCQ = 0,006), destacando-se a JMT para o Treinador 1 (0,02) e a JDT para o Treinador 2 (0,05).

Quanto aos comentários de natureza corretiva, foram registradas baixas taxas desse tipo de comentário para todos os treinadores. Contudo, quando se compara a taxa média de correções parciais com a taxa média de correções com descrição de consequências, observa-se que ela foi maior para os comentários corretivos parciais (CPA = 0,004 / CDC = 0,001). Comparando-se as condições de ensino, verifica-se que a taxa média de respostas tanto para a categoria correções com descrição das consequências quanto para a categoria correções parciais foi maior na condição de ensino na quadra.

Figura 3 – Taxas dos comentários dos três treinadores e taxa média durante a execução das jogadas fáceis, médias e difíceis, para as crianças, na quadra e no tabuleiro.



Legenda: CRI= críticas; ENC= encorajamento, ELOD= Elogios descritivos, ELOP= elogios parciais.

Observa-se na Figura 4 que para a categoria elogio, a taxa média de elogios parciais é maior que a taxa média de elogios descritivos (ELOP = 0,04 / ELOD = 0,001). Comparando-se ambas as condições de ensino, observa-se que, na condição tabuleiro, o treinador emitiu mais elogios parciais que na condição quadra (ELOPT = 0,05 / ELOPQ 0,02), com destaque para a jogada difícil no tabuleiro para o Treinador 1 (JDT = 0,06) e para as jogadas fáceis e

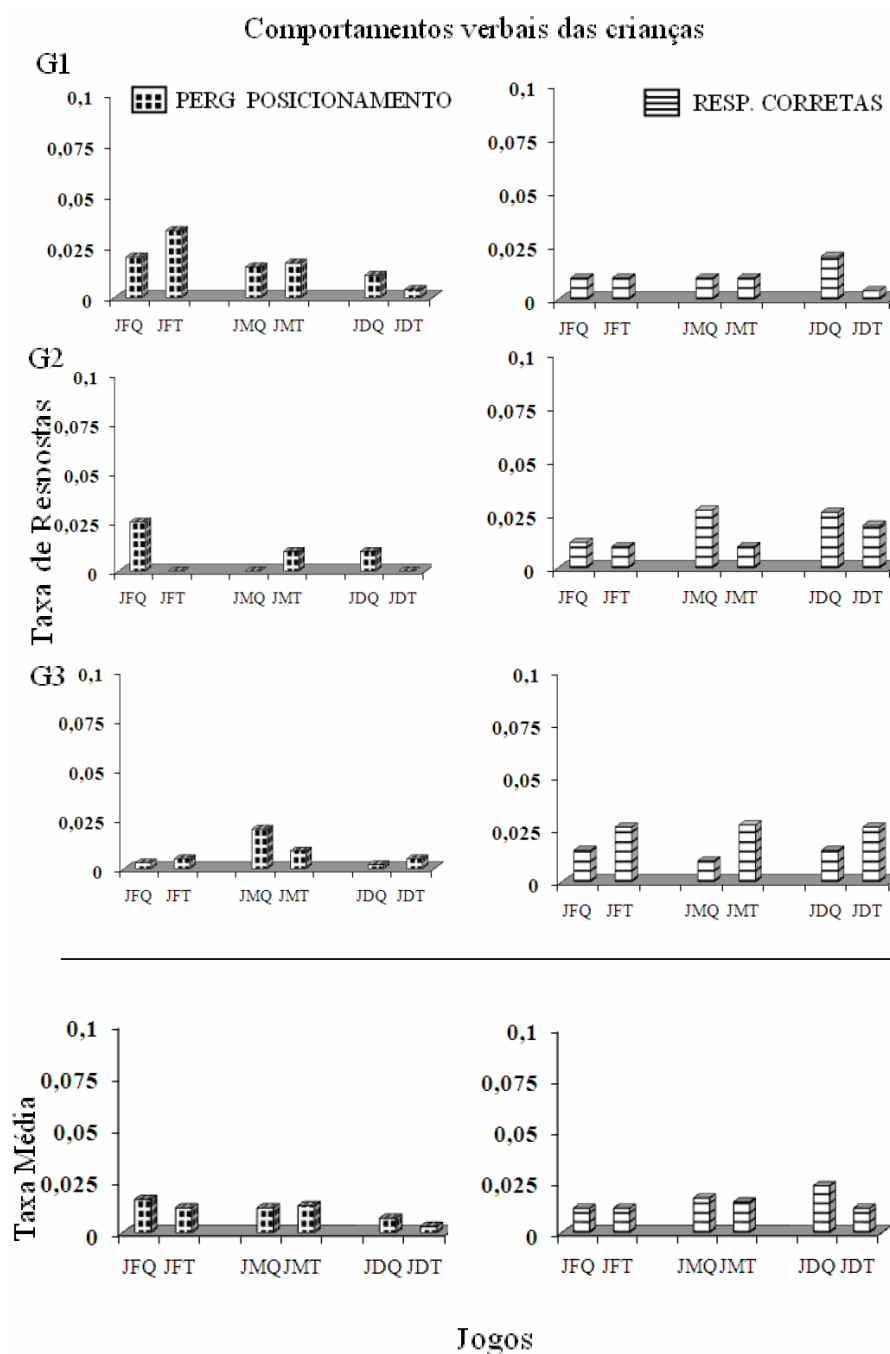
difíceis no tabuleiro emitidas pelo Treinador 2 (JFT = 0,08 e JDT = 0,06). Os elogios descritivos aconteceram com baixa taxa em ambas as condições de ensino para todos os treinadores (taxa média de 0,0008).

Quanto aos encorajamentos e críticas, a taxa média de encorajamentos é maior que a taxa média de críticas (ENC = 0,192 / CRI = 0,026). Quando se comparam as condições de ensino constata-se que, no que diz respeito aos encorajamentos, não há diferença entre as condições quadra e tabuleiro (ENCT = 0,066 / ENCQ = 0,063). Apesar da baixa taxa de críticas feita pelos treinadores, ela é maior na condição de ensino quadra (0,02) que na condição de ensino tabuleiro (0,002). Destaca-se aqui o comportamento do Treinador 3 que, ao longo de todo o processo de ensino da jogadas ensaiadas, não emitiu críticas ao desempenho de seus atletas.

COMPORTAMENTOS DAS CRIANÇAS DURANTE A EXECUÇÃO DAS JOGADAS

Durante o ensino e execução das jogadas ensaiadas, em ambas as condições, as crianças verbalizaram dúvidas no que diz respeito à jogada e responderam às questões feitas pelo treinador, referentes a elas. A Figura 4 apresenta a taxa de respostas para as categorias “Perguntas sobre posicionamento” e “Respostas corretas às perguntas do treinador”.

Figura 4 – Taxas de respostas referentes às categorias “perguntas sobre posicionamento” e “respostas corretas às perguntas do treinador” durante o procedimento de ensino das jogadas ensaiadas na quadra e no tabuleiro.



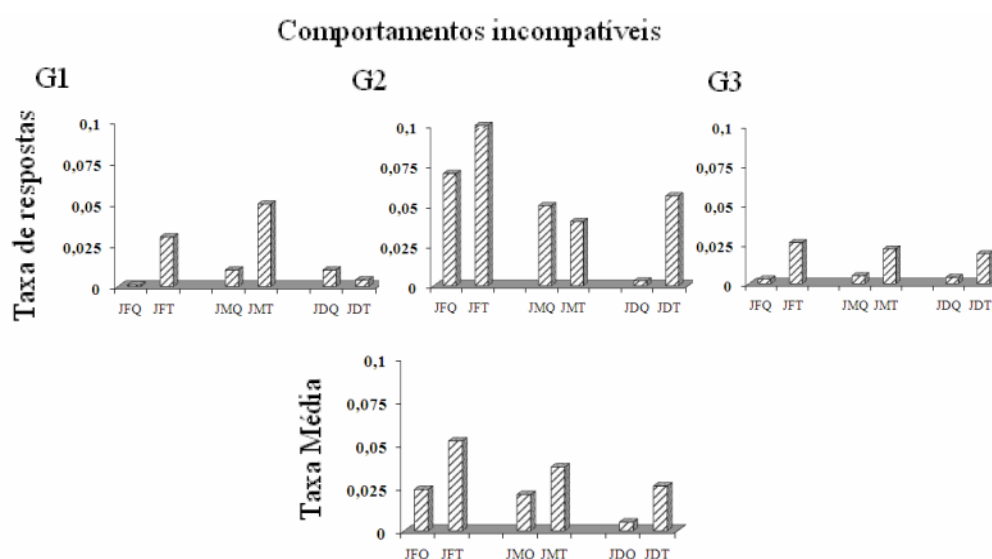
A coluna da esquerda apresenta a taxa de respostas referentes às perguntas sobre posicionamento feitas pelas crianças dos três grupos (G1, G2 e G3) e taxa média final. A coluna da direita apresenta a taxa de resposta referente às respostas corretas emitidas pelas crianças dos três grupos (G1, G2 e G3) e taxa média final para essa categoria.

Constata-se que a taxa de perguntas sobre posicionamento e respostas corretas das crianças às perguntas do treinador, durante o ensino das jogadas, é bastante próxima em

ambas as condições de ensino - 0,012 na quadra e 0,01 com o tabuleiro para as perguntas sobre o posicionamento e de 0,01 para as perguntas tanto na quadra quanto com o tabuleiro. O nível de dificuldade das jogadas parece não ter influenciado na quantidade de perguntas sobre posicionamento.

A Figura 5 apresenta a taxa de comportamentos incompatíveis (fazer brincadeiras, conversar enquanto o treinador explica etc.) com o ensino da jogada, nas condições tabuleiro e quadra.

Figura 5 – Taxa de comportamentos incompatíveis com a condição de ensino para os três grupos (G1, G2 e G3) e taxa média de respostas para todos os grupos.

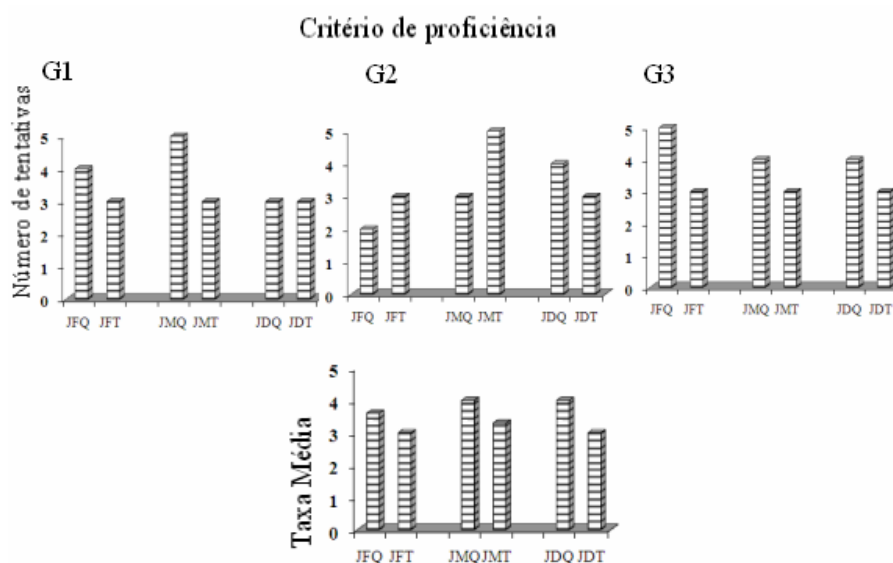


Observa-se que a taxa média de comportamentos incompatíveis foi de 0,027 para as jogadas em geral, mas foi maior para a condição de ensino tabuleiro (JFQ:0,025; JMQ:0,020; JDQ: 0,006; JFT: 0,050; JMT:0,030; JDT: 0,031). Exceto pela jogada difícil no tabuleiro no caso das crianças do Grupo 1 e pela jogada média no tabuleiro no caso das crianças do Grupo 2, em todas as outras jogadas envolvendo o uso do tabuleiro observam-se altas taxas de comportamentos incompatíveis com o processo de ensino e aprendizado. O Grupo 2, nas duas últimas jogadas que realizaram, foi o grupo que apresentou maior taxa de comportamentos incompatíveis do estudo (JFQ = 0,07 e JFT = 0,10) apesar disso, nessas jogadas apresentou altas porcentagens de acerto.

DESEMPENHO DAS CRIANÇAS NA QUADRA APÓS ENSINO

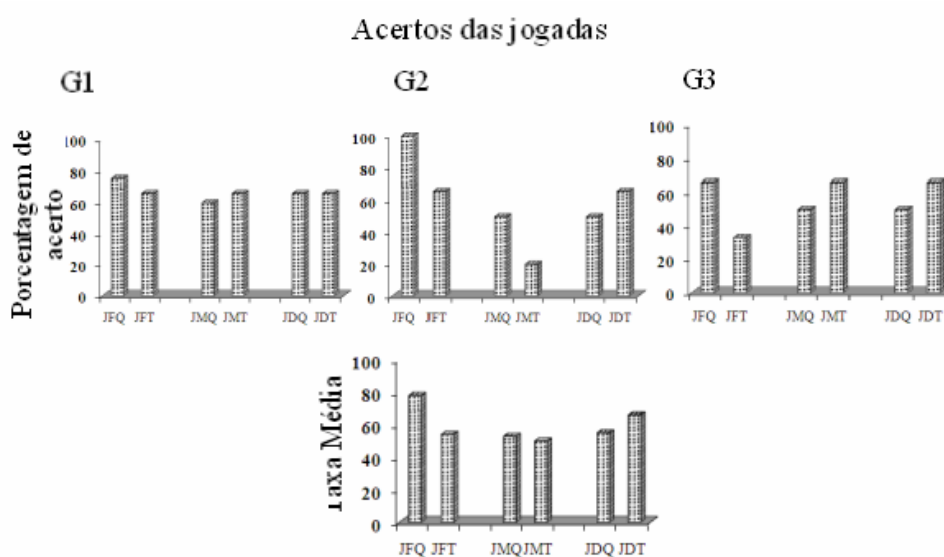
Conforme mostra a Figura 6, o número de tentativas para atingir o critério de proficiência variou para cada grupo de crianças. De modo geral, o número de tentativas foi muito próximo, independente do grau de dificuldade da jogada (taxa média para JMQT = 3,6, JDQT = 3,5 e JFQT = 3,3). Na condição de ensino com o tabuleiro, constatou-se que foi necessário um menor número de tentativas para atingir o critério de proficiência do que na condição de ensino na quadra (em média três tentativas para as jogadas com o tabuleiro e quatro para as jogadas ensinadas na quadra). Destaca-se aqui o desempenho do Grupo 2, especialmente nas JFT e JMT, para o qual o número de tentativas para critério foi maior na condição de ensino tabuleiro que quadra.

Figura 6 – Número de tentativas para cada grupo de crianças atingir o critério de proficiência e média geral para atingir o critério de proficiência em cada uma das condições de ensino.



Em relação ao desempenho das crianças (Figura 7) na realização das jogadas, constatou-se que a porcentagem média de acertos foi maior após o ensino na quadra que após o ensino com o tabuleiro (62,3% após ensino na quadra e 57% de acerto nas jogadas após ensino no tabuleiro). No respeitante ao número de tentativas para a execução correta da jogada não houve diferença expressiva em ambas as condições (3,2 no tabuleiro e 3,8 na quadra). Um dado que chama atenção é que a jogada com maior porcentagem de acertos foi a jogada fácil na quadra para o Grupo 2 (100% de acertos) e no mesmo grupo a jogada média no tabuleiro teve o pior desempenho entre todas (20% de acertos).

Figura 7 – Porcentagem de acertos das jogadas feitas pelas crianças dos três grupos e média geral da porcentagem de acertos.



Por fim, analisando-se os erros cometidos pelas crianças nas jogadas após ambas as condições de ensino, verificou-se que houve maior porcentagem de erros nas jogadas com grau médio de dificuldade, seguidas de perto pelas jogadas difíceis e depois as fáceis, independentemente da ordem em que foram realizadas (36%, 34% e 29% de acerto para as jogadas médias, difíceis e fáceis, respectivamente).

DISCUSSÃO

Os resultados apontaram que, de modo geral, os treinadores, durante ensino da jogada por meio do tabuleiro, emitiram menos instruções parciais e críticas e mais elogios, apesar de as crianças terem apresentado maior quantidade de comportamentos incompatíveis com a condição de ensino. Quanto ao desempenho das crianças constatou-se que não houve diferença no número de tentativas para atingir o critério de aprendizagem em ambas as condições (com e sem o auxílio do tabuleiro).

Os dados também mostram que durante as sessões nas quais os treinadores não usavam o tabuleiro houve a uma quantidade de instruções técnicas parciais maior do que as instruções com descrições de consequências. Isso corrobora os dados de pesquisas anteriores (Belineli et al., 2012; Lima & Souza, 2009; Macedo & Souza, 2009).

Instruções são comentários que descrevem o que as crianças devem fazer durante as jogadas. A alta frequência de instruções durante todas as sessões de treino era esperada já que, no contexto esportivo, as instruções são empregadas para ensinar novas habilidades (Macedo

& Souza, 2009). Considerando que no presente estudo os atletas eram crianças de 8 e 9 anos, a alta quantidade de instruções foi compreendida como condições para aquisição e aperfeiçoamento de habilidades táticas e técnicas do futsal. De acordo com Weber e Silva (2006), as instruções colaboram para o fortalecimento de habilidades que levariam mais tempo para serem modeladas por meio de reforço natural. Contudo, quando empregadas em excesso, as instruções podem impedir comportamentos criativos de atletas mais jovens, que ficam esperando as orientações para agir (Macedo & Souza 2009). Dessa forma, embora as instruções sejam desejadas nesse contexto, o treinador deve evitar excessos.

Outro aspecto a ser considerado, em relação às instruções, diz respeito à qualidade das mensagens. Segundo Martin (2001), é importante que o treinador ofereça aos atletas instruções de maneira clara, concisa, positiva e, se possível, com demonstração de como fazer. Instruções incompletas, que não especificam o contexto, a ação e as consequências, podem levar o atleta ao erro. Essa pesquisa não avaliou a qualidade das instruções fornecidas pelos treinadores, no entanto, considerando-se o grande número de comentários dessa natureza, tal análise mostra-se necessária, o que deve ser feito em estudos futuros.

Constatou-se, ainda, que nas jogadas em que houve o uso do tabuleiro, a quantidade de instruções técnicas parciais foi menor do que nas jogadas sem o uso do tabuleiro. Isso pode ter acontecido devido ao fato do ensino por meio do tabuleiro possibilitar à criança uma visualização melhor da jogada como um todo facilitando o ensino. A jogada é vista pela criança de um ângulo diferente do que quando ela faz parte da jogada enquanto está sendo ensinada. Visualizar a jogada de cima pode ter permitido às crianças uma compreensão melhor da movimentação necessária para a execução da jogada. Embora o número de perguntas feitas pelas crianças sobre posicionamento tenha sido alto para as jogadas com grau fácil e médio de dificuldade no tabuleiro, o uso dessa ferramenta pode ter facilitado o aprendizado, gerando menor necessidade de instruções e menor quantidade de dúvidas.

Outro ponto a ser discutido diz respeito às categorias encorajamentos e críticas. Mesmo havendo mais encorajamentos que críticas, comentários sarcásticos e críticas foram emitidos pelos treinadores. A bibliografia da Análise do Comportamento aponta que as críticas não são efetivas para a mudança de comportamentos dos atletas, pois, além de não descreverem o comportamento esperado, outras consequências também podem ser observadas, como, por exemplo, medo, falta de iniciativa, inibição, desistência, neste caso, da prática do esporte, assim como tentativas de aliviar ou escapar da ação corretiva (Martin, 2001; Sidman, 1995).

Críticas em formato de “brincas” são uma forma de controle punitivo do comportamento (Sidman, 1995). O comportamento de “criticar”, na maioria das vezes, é reforçado com a redução dos comportamentos indesejados daquele que recebeu a crítica. Por isso, as críticas podem ser úteis em situações em que um comportamento incompatível deve deixar de ocorrer ou ocorrer com menor frequência. No entanto, deve-se considerar que, além da supressão imediata da resposta indesejada, os efeitos colaterais citados acima podem aparecer, especialmente quando se trabalha com crianças. Nesta pesquisa, mesmo havendo baixa taxa de comentários classificados como críticas, a emissão desse comportamento foi 13 vezes maior quando as jogadas eram realizadas na quadra do que quando eram realizadas com o auxílio do tabuleiro.

Também se constatou que os elogios parciais e descritivos ocorreram com maior frequência nas jogadas com o uso do tabuleiro. O uso de jogos com tabuleiros para o ensino proporciona um ambiente mais divertido para o aprendizado em razão de seu caráter motivador. Pesquisas sugerem, ainda, um maior envolvimento das crianças com o ensino quando tabuleiros são usados (Andrade, 2008; Souza & Hübner, 2010 entre outras). De forma geral, os tabuleiros usados com crianças são arranjos de maneira a possibilitarem reforçadores naturais, nesse caso, interação com outras crianças, tocar a bola lançando-a para o local correto etc. e a evitar eventos aversivos. A própria maneira como o ensino da jogada foi feito diminuía as possibilidades de erros. Todos esses aspectos podem ter gerado maior envolvimento das crianças com a tarefa, acertos e, conseqüentemente, maior frequência de elogios por parte do treinador.

O uso de elogios e/ou reforços são ferramentas poderosas para fortalecer os comportamentos desejados. Atitudes como recompensar os esforços das crianças e não somente os resultados positivos, o encorajamento após seus erros, a busca da união do grupo por meio de regras formadas pelas próprias crianças, o uso de modelagem, com o aumento gradual do grau de dificuldade das tarefas e a instrução clara e concisa podem proporcionar à criança um ambiente favorável para o alcance de suas necessidades e, conseqüentemente, o desenvolvimento de suas potencialidades (Macedo & Souza, 2009).

Para autores como Weinberg e Gould (2001), Martin (2001), Black e Weiss (1992) entre os motivos que conduzem uma criança ao abandono de um esporte estão o uso de punições e pouca instrução reforçadora, pressão por parte de pais e treinadores e falta de diversão nos treinos. De acordo com Martin (2001), a adoção de posturas mais reforçadoras e a utilização de comentários não punitivos pelos treinadores frente às situações complexas envolvendo crianças aumentam a possibilidade de que elas pratiquem e permaneçam no meio

esportivo. O elogio (reforço) aumenta a probabilidade de que o atleta emita novamente o comportamento que foi reforçado.

Embora a maior quantidade de elogios tenha sido liberada na condição tabuleiro, essa foi a condição na qual houve alta taxa de comportamentos incompatíveis com a condição de ensino. Classificaram-se como comportamentos incompatíveis com a condição de ensino aqueles que não tinham relação direta com o ensino da jogada como um todo, por exemplo, fazer piadas durante as explicações, brincar com as peças do tabuleiro de maneira descontrolada, inventar regras e movimentações etc. Em situações em que há ensino e aprendizagem, a emissão desses comportamentos pode ter mais de uma consequência. Pode ser reforçadora para aquele que está aprendendo e punitiva para aquele que está ensinando, dependendo das contingências em vigor. A história das crianças com tabuleiros e a maneira como o tabuleiro, são organizados podem contribuir para que comportamentos incompatíveis ocorram. Contudo, considerando-se o desempenho das crianças na execução das jogadas, eles não parecem ter prejudicado o aprendizado das crianças. Na verdade, a possibilidade de emitir esses comportamentos pode ter tornado a condição de ensino ainda mais reforçadora.

No final das sessões de treino de cada grupo, o pesquisador pediu às crianças e aos treinadores que avaliassem o trabalho desenvolvido. Sem exceções, todas as crianças dos três grupos apontaram argumentos consistentes em favor do uso do tabuleiro, como, por exemplo,

“ _ É mais legal porque é maior, dá pra mexer-”, “ _ É legal porque a gente gosta de futebol”, “ _ Eu gostei” etc.

Quanto aos treinadores, constatou-se que para eles o uso de uma ferramenta como essa pode não ser muito interessante. Alguns relatos sugerem isso, dentre eles cita-se:

“Não gostei, o tabuleiro é muito grande”, “Difícil de transportar”, “Tem sempre que ser colocado em cima de uma mesa e às vezes não temos mesas disponíveis”, “Contém muitas peças pequenas que podem ser perdidas facilmente”, “Tumultua muito a aula”.

Arranjos no tabuleiro poderiam ser feitos a fim de torná-lo mais fácil de transportar e manusear, uma vez que seu uso sugere ganhos para o processo de ensino e aprendizagem.

Apesar de o uso do tabuleiro se mostrar uma ferramenta de ensino interessante, alguns pontos deste estudo merecem ser destacados. São eles:

1. Número de participantes. Participaram desta pesquisa três treinadores. Novas investigações com maior número de treinadores poderiam fortalecer e ampliar os resultados obtidos nesta pesquisa.
2. Familiaridade com o futsal. As crianças deste estudo participavam de campeonatos e pertenciam às melhores equipes de seus clubes ou escolas, o que provavelmente facilitou o aprendizado de novas jogadas ensaiadas. Novas investigações deveriam ser conduzidas com crianças que não tivessem tanta familiaridade com o futsal, crianças com níveis distintos nessa modalidade. Isso permitiria avaliar de maneira mais efetiva o uso do tabuleiro como recurso para ensino de jogadas ensaiadas.
3. Formato do tabuleiro. Considerando-se os relatos dos treinadores, adaptações no tabuleiro (tabuleiros menores e mais leves, por exemplo) poderiam ser feitas que o tornasse uma ferramenta mais funcional aos treinadores.
4. Por fim, a quantidade de jogadas ensaiadas treinadas. Outros estudos poderiam investigar se os mesmos resultados seriam obtidos se um maior número de jogadas fosse trabalhada.

REFERÊNCIAS

- Andrade, L. V. (2008). *Ensino de leitura via equivalência de estímulos: jogos de mesa como recursos de avaliação*. Dissertação de mestrado, Departamento de Psicologia Geral de Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Barbanti, V. J. (2005). *Formação de esportistas*. São Paulo: Manole.
- Barbant, V. J. (2003). *Dicionário de Educação Física e Esporte*. Barueri: Manole.
- Belineli, L. F.; Kanamota, J. S. V.; Silvestrine, A. L. R.; Azevedo, A. M. de S. & Jacob, A. P. (2012). Comentários de um treinador de futebol em condições de treino e competição. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva* (Online), 14, 36-47.
- Betti, M. (1998). *A janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física*. Tese de doutorado, Faculdade de educação, universidade estadual de campinas, campinas. retrieved may, 2012 from: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/file/2010/artigos_teses/educacao_fisica/teses/betti_tese.pdf.
- Bourdieu, P. (1983). Como é possível ser esportivo?. *Questões de Sociologia*, 19 (2),136-153.
- Black, S. J., & Weiss, M. R. (1992).The relationship among the perceived coaching behaviors perceptions ability and motivation on the competitive age groups Swimming. *Journal of Sports and Exercise Psychology*, 3(14), 309-325.
- Cillo, E. N. P. (2002). *Análise de jogo no basquetebol: dois estudos a partir da análise do comportamento aplicada ao esporte*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Departamento de Psicologia experimental e Análise do Comportamento. Recuperado em 15 abril, 2012, de <http://bdtd.ibict.br/pt/inicio.html>.
- Costa, A. L. C., & Nascimento, J. V. (2004).O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. *Revista de Educação Física*, 15(2), 115-129.
- Cruz, J. F. (1997). *Fatores motivacionales em el esporte infantil y acesoramento psicológico a entrenadores y padres*. Madrid: Psicologia del Desporte.
- Dobranszky, I. A. (2007). *Subjetividade no esporte: o impacto da subjetividade do técnico na constituição de uma equipe de triatlo*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação Física, Pontifícia Universidade Católica. Campinas. Retrieved may, 2012 from http://biblioteca.universia.net/html_bura/A7ao-uma/id/21773541.html.
- Ferreira, T. S. (2011). *Avaliação de um programa de capacitação de treinadores para o ensino de jogada ensaiada em basquete com cadeira de rodas*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Psicologia geral e Análise do comportamento. Recuperado em 20 abril, 2012, de <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/list.php?tid=21>
- Filin, V. P. (1996). *Desporto juvenil: Teoria e metodologia*. Londrina: Eduel.
- Furtado, V., & Marques Junior, N. K. (2008). O efeito do treino da visão periférica na zona dos gols no futsal. *Revista de Educação Física*, 143, 18-27.

Garganta, J. M. S. (1997). *Modelação tática no jogo de futebol*. Tese de doutorado, Universidade do Porto, Faculdade de ciências do desporto e da Educação Física. Recuperado em 29 maio, 2012, de <http://Repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/gl=br>.

Graça, A. B. S. (1997). *O conhecimento pedagógico do conteúdo no ensino do basquetebol*. Tese de doutorado, Universidade do Porto, Faculdade de ciências do desporto e da Educação Física. Recuperado em 12 maio, 2012, de http://sigarra.up.pt/up_uk/web_gessi_docs.download_file?p_name=F1368788598/repositorio-vpreliminar.pdf.

Kraemer, W. J., & Hakkinen, K. (2004). *Treinamento de força para o esporte*. Porto Alegre: Artmed.

Lima, P. V., & Souza, S. R. de. (2009). O treinador esportivo e as categorias de base: os efeitos de uma intervenção sobre os comentários feitos por treinadores durante eventos competitivos. In Souza, S. R.; Haydu, V. B. (Orgs.), *Psicologia comportamental aplicada: avaliação e intervenção nas áreas do esporte, clínica, saúde e educação* (pp.211-228). Londrina: Eduel.

Lovisol, H. (1997). *Estética, esporte e Educação Física*. Rio de Janeiro: Sprint.

Macedo, R. H., Souza, S. R. de. (2009). Análise dos comentários dos treinadores durante competição infantil. In Souza, S. R.; Haydu, V. B. (Orgs.), *Psicologia comportamental aplicada: avaliação e intervenção nas áreas do esporte, clínica, saúde e educação*, (pp.197-210). Londrina: Eduel.

Marques Junior, N. K; Garcia, G. S; Furtado, V.(2008). O Efeito do treino da visão periférica na correlação entre chutes para o gol e tentos realizados no futsal. *Revista da faculdade de Educação Física*, 6 (2) 12-25.

Martin, G. L. (2001). *Consultoria em Psicologia do Esporte: orientações práticas em Análise do Comportamento*. Campinas: Instituto de Análise do Comportamento.

Mendes, J. B. (2000). A utilização de jogos de empresas no ensino de contabilidade: uma experiência no curso de ciências contábeis da Universidade Federal de Uberlândia. *Revista de Contabilidade*, 3 (11), 23-41.

Moreira, V. J. P., & Greco, J. P. (2005). Estruturação dos treinos segundo o processo metodológico de ensino-aprendizagem-treinamento nas categorias de base do futsal. *Revista Mineira de Educação Física*, 14(2), 13-28.

Oléias, V. J. (1999). *Políticas esportivas no neoliberalismo*. Florianópolis: Motrivivência.

Oliveira, V., & Paes, R.R. (2004). A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. *Lecturas, Educación Física y Deportes: Revista Digital*, Buenos Aires, 10(71), 112-120.

Rodrigues, F. X. F. (2003). *A formação do jogador de futebol no Sport club internacional (1997-2002)*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em sociologia, Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre. Retrieved December, 2012 from <http://www.biblioteca.ufrgs.br/biblioteca_digital.htm>.

Santana, W. C., França, V. S., & Reis, H. B. (2007). Perfil do processo de iniciação ao Futsal de jogadores juvenis paranaenses. *Revista Motriz*, 13(3), 181-187.

- Santana, W. C., & Garcia, O. B. (2008). A incidência do contra ataque em jogos de futsal de alto rendimento. *Pensar e prática*, 10 (1), 153-162.
- Santos, J. A. M. (2009). *Efeitos do treino complexo, do treino pilométrico e do treino resistivo nos indicadores de força explosiva e a sua estabilidade nos períodos de destreino específico e de treino reduzido: um estudo com jovens baquetebolistas do sexo masculino*. Tese de doutorado, Faculdade de ciências do desporto e da Educação Física, Universidade do Porto, Porto. Retrieved may, 2012 from http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?p_pagina=2436.
- Sidman, M. (1995). Coerção e suas implicações. Campinas: Psy.Simons. (R. L., Whitbeck, L. B., Conger, R. D., & Chyi-In, W. 1991).
- Smith, R. E., Smoll, F. L., & Hunt, E. B. (1977). A system for the behavioral assessment of athletic coaches. *Research Quarterly*, 48, 401- 407.
- Smith, R. E., & Smoll, F. L. (1991). Behavioral research and intervention in youth sports. *Behaviour Therapy*, 22, 329-344.
- Smith, R. E., Smoll, F. L., & Curtis, B. (1979). Coach effectiveness training. A cognitive behavioral approach to enhancing relationships skills in youth sports coaches. *Journal of Sport Psychology*, 1, 59-75.
- Smith, R. E., Zane, R. W., Smoll, F. L., & Coppel, D. B. (1983). Behavioral assessment in youth sports: coaching behaviors and children's attitudes. *Medicine and Science in Sports Exercise*, 15, 208-214.
- Smith, S. L., & Ward, P. (2006). Behavioral interventions to improve performance in collegiate football. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 39, 385-391.
- Souza, S. R., & Hübner, M. M. C. (2010). Efeitos de um jogo de tabuleiro educativo na aquisição de leitura e escrita. *Acta Comportamental*, 18, 215-242.
- Sudo, C. H., Soares, P. G., Souza, S. R., & Haydu, V. B. (2008). Equivalência de estímulos e uso de jogos para ensinar leitura e escrita. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10, 223-238.
- Sudo, C. H. & Souza, S. R. (2008). *Avaliação de um programa de capacitação de treinadores para a utilização de estabelecimento de metas no esporte*. (Dissertação de mestrado, Londrina, Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Psicologia Geral e Análise do comportamento). Retirado de <http://www.bibliotecadigital.uel.br/docum ent/list.php?tid= 21>
- Teixeira Jr, R. R., & Souza, M. A. O. (2006). *Vocabulário de Análise do Comportamento: Um manual de consulta para termos usados na área*. Santo André: Esetec.
- Weber, L. D., & Silva, M. C. A. (2006). Regras e auto-regras: um estudo sobre o comportamento de mulheres no relacionamento amoroso. In H. J. Guilhardi & N. C. de Aguierre (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade*. (vol.18, pp. 55-70.). Santo André: Esetec.
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2001). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. Porto Alegre: Artmed.

ANEXOS

ANEXO A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado Professor de Educação Física e prezada diretora educacional do colégio londrinense, senhor Oseias Canhete e senhora Ieda Terra Alvez.

Gostaríamos de convidá-los a participar da pesquisa O USO DE UM TABULEIRO NO ENSINO E APRENDIZADO DE JOGADAS ENSAIADAS A CRIANÇAS PRATICANTES DE FUTSAL, realizada na Universidade Estadual de Londrina. O objetivo da pesquisa é avaliar o efeito do uso do jogo de tabuleiro no desenvolvimento do ensino de jogadas ensaiadas. A sua participação é muito importante e ela se dará da seguinte forma, todas as etapas da pesquisa serão realizadas no ambiente de treino dos alunos; primeiramente o treinador selecionará seis jogadas ensaiadas de níveis diferentes de dificuldade e ensinará os atletas da maneira que ele usualmente ensina. Na etapa seguinte será introduzido o uso do tabuleiro para o ensino das próximas jogadas. Por meio de observações e avaliações serão realizadas para verificar se houve alteração no desempenho das crianças. Todas as etapas serão gravadas em vídeo para possibilitar a análise do treinador com as crianças. Gostaríamos de esclarecer que a participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa ou a de seus atletas. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Ressalta-se que após a utilização para a pesquisa as gravações e demais materiais serão destruídos. Informamos que os senhores não pagarão nem serão remunerados por sua participação.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode nos contatar: Henrique Bayer Gonçalves, Rua Delaine Negro, 55, Alto da Colina, Londrina, PR, (43) 9146-9536, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, na Avenida Robert Kock, nº 60, ou no telefone (43) 3371-2490. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

Londrina, de _____ de 2012.

Coordenadora Pedagógica

Professor de Educação Física

Ieda Terra Alves.

Prof. Oseias Canhete

Pesquisador responsável

Henrique Bayer Gonçalves

ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O USO DE UM TABULEIRO NO ENSINO E APRENDIZADO DE JOGADAS
ENSAIADAS A CRIANÇAS PRATICANTES DE FUTSAL

Prezado(a) Senhor(a):_____.

Gostaríamos de convidar seu filho: (_____) a participar da pesquisa O USO DE UM TABULEIRO NO ENSINO E APRENDIZADO DE JOGADAS ENSAIADAS A CRIANÇAS PRATICANTES DE FUTSAL, realizada na Universidade Estadual de Londrina. O objetivo da pesquisa é avaliar o efeito do uso do jogo de tabuleiro no desenvolvimento do ensino de jogadas ensaiadas. A sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma, todas as etapas da pesquisa serão realizadas no ambiente de treino dos alunos; primeiramente o treinador selecionará seis jogadas ensaiadas de níveis diferentes de dificuldade e ensinará os atletas da maneira que ele usualmente ensina. Na etapa seguinte será introduzido o uso do tabuleiro para o ensino das próximas jogadas. Por meio de observações avaliações serão realizadas para verificar se houve alteração no desempenho das crianças. Todas as etapas serão gravadas em vídeo para possibilitar a análise do treinador com os participantes. Gostaríamos de esclarecer que a participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa ou a de seus atletas. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Ressalta-se que após a utilização para a pesquisa as gravações e demais materiais serão destruídos. Informamos que os senhores não pagarão nem serão remunerados por sua participação.

Informamos que o senhor (a) não pagará nem será remunerado por sua participação.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode nos contatar: Henrique Bayer Gonçalves, Rua Delaine Negro, 55, Alto da Colina, Londrina, PR, (43) 9146-9536, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, na Avenida Robert Kock, nº 60, ou no telefone (43) 3371-2490. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Pesquisador Responsável

Londrina, de _____ de 2012.

Henrique Bayer Gonçalves
RG: 44.079.937-5

_____ (nome por extenso do participante de pesquisa), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.

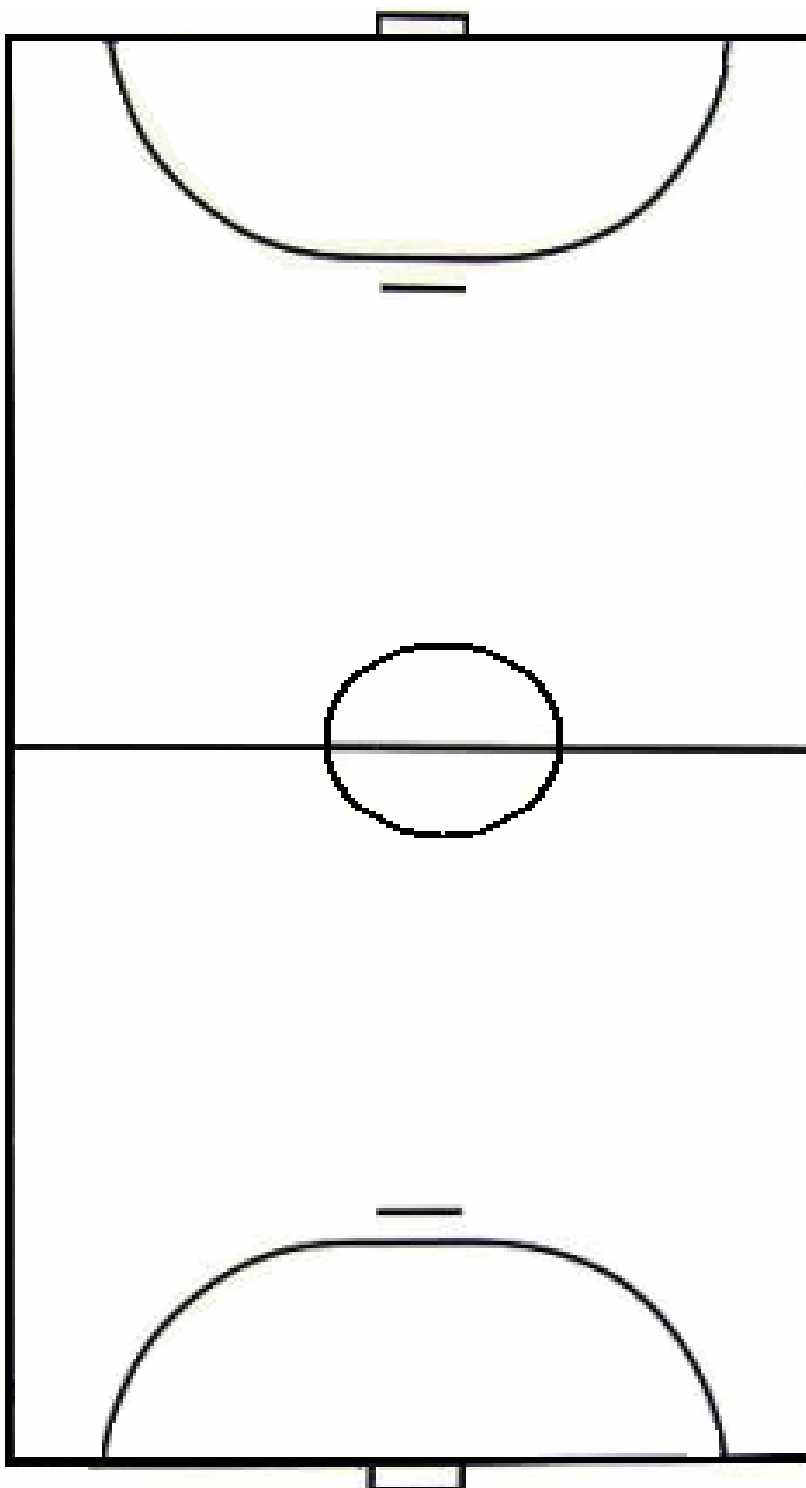
Assinatura do menor (ou impressão dactiloscópica):_____

Assinatura do responsável (ou impressão dactiloscópica):_____

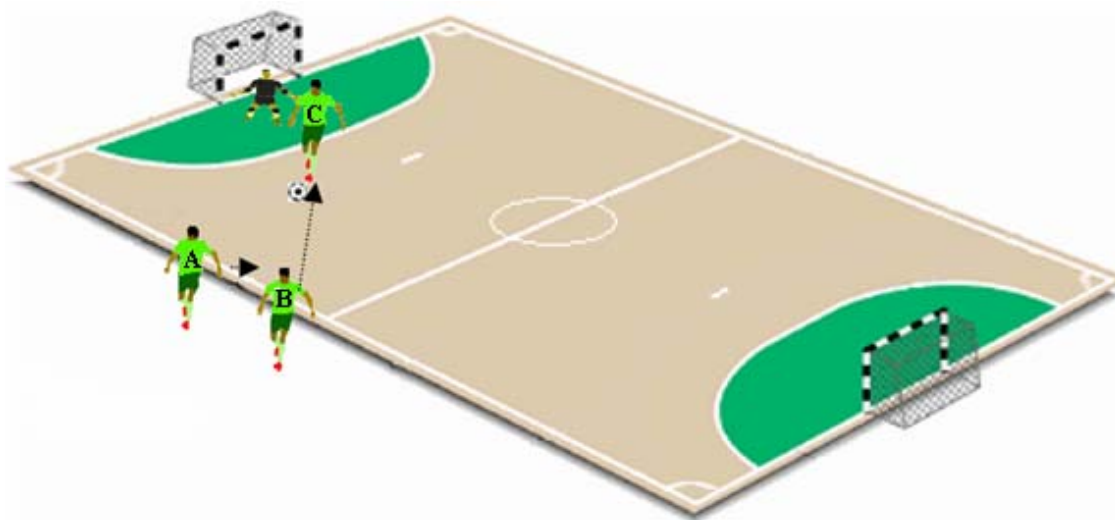
Data:_____

ANEXO C

Folha de registros da jogada ensaiada entregue ao treinador.



ANEXO D
JOGADA 1F



Movimentações:

- 1 – O atleta A bate o lateral para o atleta B.
- 2 – B passa para o pivô C.
- 3 – Quando C recebe a bola ele pisa para o atleta A que vem e chuta a gol.

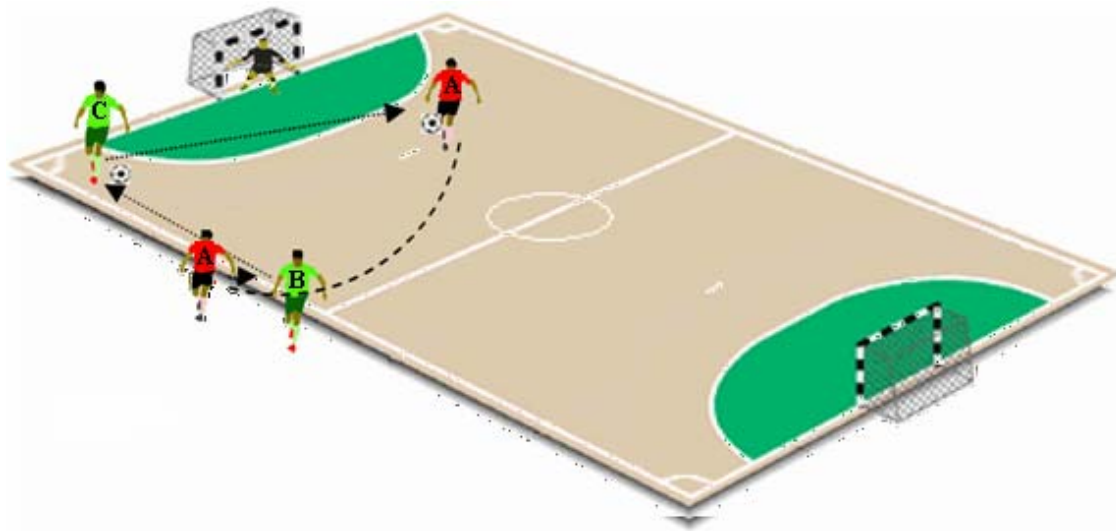
JOGADA 2F



Movimentações:

- 1 – O atleta A bate o lateral para o atleta B
- 2 – B passa para o pivô C.
- 3 – Quando C recebe a bola o atleta A corre por trás de B.
- 4 – Depois que o atleta A correr por trás de B o atleta C pisa para A chutar ao gol.

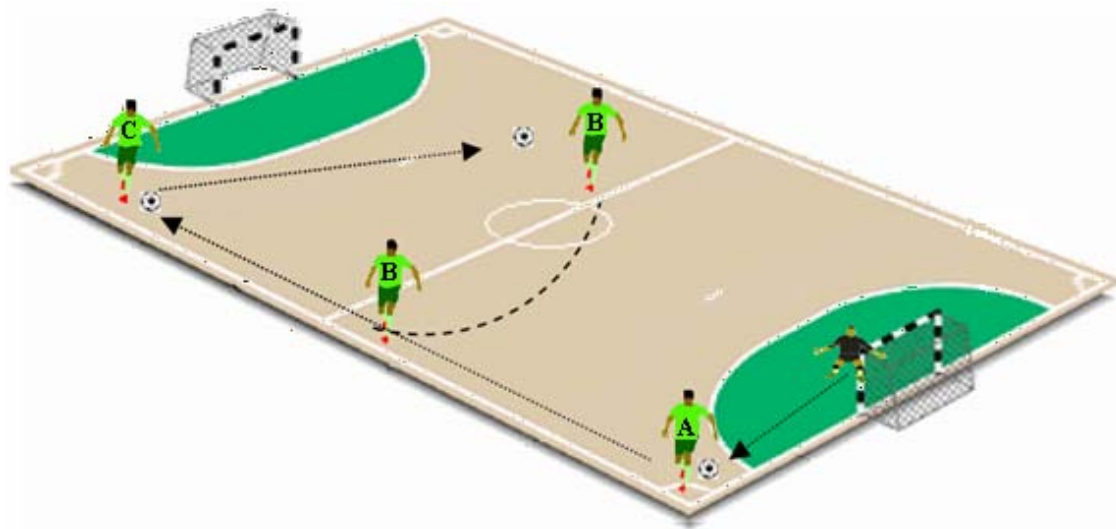
JOGADA 1M



Movimentações:

- 1 – O atleta A bate o lateral para o atleta B.
- 2 – B passa para o pivô C que veio da marca do pênalti para a lateral esquerda.
- 3 – Quando C recebe a bola o atleta A corre por trás de B.
- 4 – Depois que o atleta A correr por trás de B até a marca do pênalti o atleta C toca para A chutar ao gol.

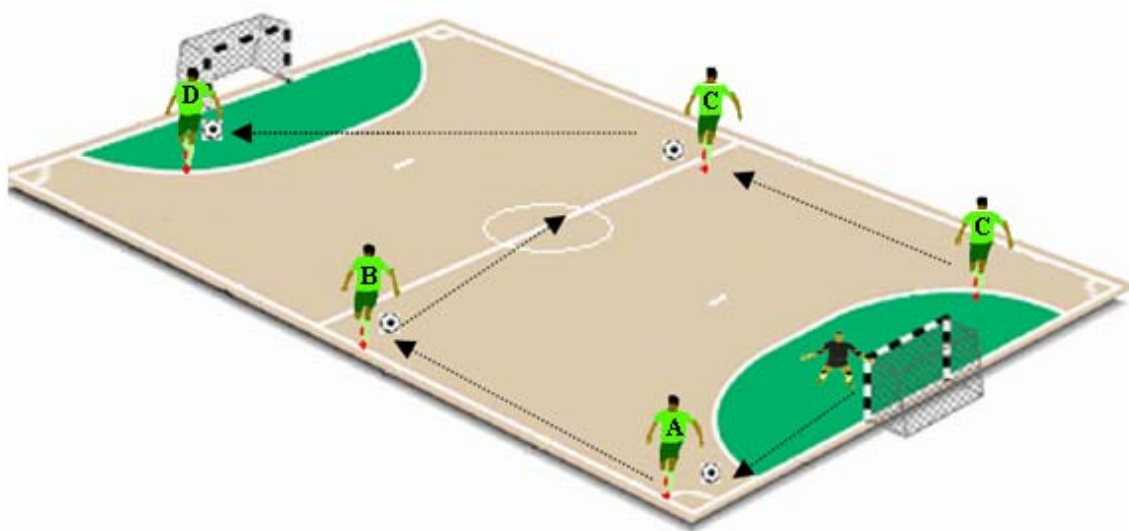
JOGADA 2M



Movimentações:

- 1 – O goleiro joga a bola para o atleta A na lateral.
- 2 – O atleta A toca para B que abre as pernas para a bola passar para o atleta C.
- 3 – Após abrir as pernas e deixar a bola passar o atleta B corre para o meio de campo.
- 4 – O atleta C recebe a bola e toca para B que já está no meio de campo para chutar.
- 5 – B chuta ao gol.

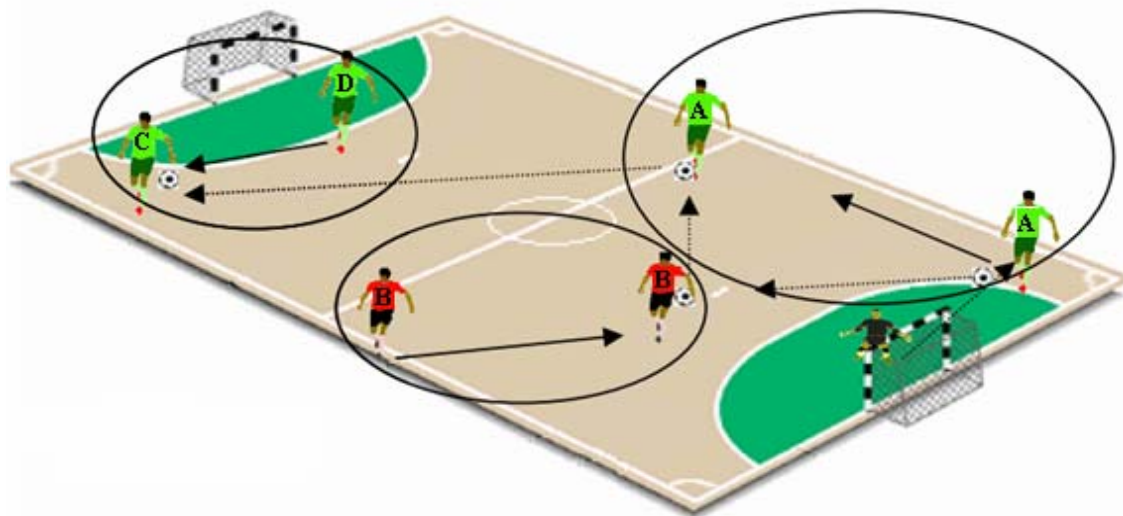
JOGADA 1D



Movimentações:

- 1 – O goleiro joga a bola para o atleta A na lateral.
- 2 – A toca para o atleta B.
- 3 – Quando A tocar para B o atleta C se desloca para o meio de campo.
- 4 – B toca para o atleta C.
- 5 – O atleta C toca para o atleta D chutar ao gol.

JOGADA 2D



Movimentações:

- 1 – O goleiro toca para o atleta A.
- 2 – Quando A receber a bola do goleiro B se desloca da lateral para a marca do pênalti.
- 3 – O atleta A toca para B e sobe para o meio campo.
- 4 – B devolve para o atleta A..
- 5 – A toca para C que está no fundo.
- 6 – C toca para o pivô D.
- 7 – D chuta ao gol.